

BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1901

N.º 62



Antonio Ennes

ANTONIO ENNES (1)

A OBRA de confraternidade e de empatia reciproca consolidou-a no Brasil Thomas Ribeiro. E depois que elle sahio da luz, outros acontecimentos de vultu viraram por ventura completos essa obra. E o destino, que não sempre arrasta consigo o *anakté* da fatalidade irrealizavel, tão proprio agora nos tem sido, que tudo parece dispôr-se e preparar-se para que uma fríeza ou um emboçamento nas nossas relações com o Brasil, e a qualquer ordem que seja, se torne uma hypothese absurda. Tanto que eu tomo ainda por favor do destino o facto de Antonio Ennes aceitar a missão offerecida pelo governo. Como depois de Chagas eu não via semão Thomas Ribeiro, depois d'esto nome illustre é o destino.

Podem outros ter mais longa fôla de serviços politicos, maior numero de annos consumidos na vida publica, obras litterarias de maior fôlego e em maior numero, mais expansibilidade no caracter, mais ardor no combate, mais vibrações na alma, e mais empenhamento em quer que d'estes predicados haja um ou outro portuguez que sobrepõe aquelle de que estou tratando. Mas o que em desafio quem quer que seja é a provar-me que entre os compatriotas illustres de Antonio Ennes ha algum de fibra mais forte, de principios mais inabalaveis, de rectidão mais austera, de linha mais recta, de mais firme senso pratico e de intelligencia mais assimiladora. Elle veio da obscuridade, teve todas as luctas, e para romper venceu as difficuldades, todas, o amargo pomo da vida teve de o tragar em cheio, e foi nos duros e rijos combates quotidianos do jornalismo que se fez homem.

E', portanto, um filho dilectissimo da imprensa que nunca prostituiu com um interesse mercantil ou uma campanha deshonesta. E comtudo entrou em mil batalhas e não sei de uma em que não fosse o vencedor. E este o grande merito de um homem em Portugal do que seria preciso, elle é, sem duvida e sem contestação, o macheval. Fez-se no combate dos principios e na intrinseca das opinões. Fiel á humidade da sua origem, alistou-se no partido que mais alto representava as aspirações da democracia, e que apesar de ter por chefe o duque de Loulé, o mais fidalgo dos portuguezes, era o mais popular dos partidos. E Antonio Ennes foi a mais forte das suas grandes columnas. Quem na imprensa manteve e ergueu mais alto o prestigio d'esse patto foi elle.

Elle conseguiu o maior desideratum a que pode aspirar um jornalista: realçar e engrandecer o partido que serve e a politica que defende com o prestigio da propria individualidade.

Por isso comtudo, e de um modo extremamente o contrario. E' o brilho do partido ou da facção que reflecte sobre elles e os põe n'uma luz tão ephemera, que se apaga de todo, quando pretendem viver e brilhar por si proprios.

Para que isto se não dê, e, ao contrario, para que o jornalista se imponha e com a sua orientação illumine, é preciso, é claro, o talento, que é a materia prima, mas não basta; é indispensavel o caracter. E estas duas grandes forças possui-as Antonio Ennes em alto grau. D'ahi a sua força.

E' um dos poucos que pela penna, exclusivamente pela penna, attingiram as mais sublimas culminancias sociais. E na pleiade victoriosa, a gloria, que para muitos não é completa, por não ser exactamente luminosa em todas as suas faces, completa-se e completa a gloria do jornalista no brilhante grupo que vem desde Antonio Rodrigues Sampaio até hoje. Tem um logar de honra n'essa constellação, em que foi o só aquelle velho polemista da revolução. Constellação aliás reunidissima, e não quero incluir nelle os nomes de Figueiredo, Coelho de Vasconcellos, Vasconcellos, Maranhão de Carvalho ou Emygdio Navarro. Mas se Sampaio era a apostrophe vigorosa, Chagas a mais vasta organização de jornalista, Teixeira de Vasconcellos a luz e o vigor na discussão politica, Navarro o ataque impetuoso e formidavel, Maranhão a argumentação subtil e mordaz, Ennes é o ponto de vista seguro, quasi infallivel, a precisão no ataque, a fortaleza na réplica, a sobriedade na palavra, e a argumentação, sempre vigorosa, esmalçada por um variado e peculiar encanto litterario. Uma questão de vinhos, uma questão de arte, ou uma questão de finanças, toma sob a sua penna, que não accusa jamais um desfallecimento, a mesma atracção e o mesmo interesse.

Jornal feito em que elle entre augmenta logo a tiragem. Jornal que elle funde sobe em um crescendo constante, não porque tenha mais reportagem ou seja melhor que os outros, mas porque elle escreve lá! E' na imprensa o que são os grandes artistas no theatro, que basta pô-lhes o nome no cartaz para se encher a casa. E' que o seu estylo masculino tem, quando é preciso, deliciações femininas, e a sua argumentação solidida entra pelos olhos como a luz. E' que quando elle inicia uma campanha ou levanta uma questão, logo ao principio abra resoluta o caminho por onde ha de chegar ao fim e por onde nós, confiados, o acompanhamos em espirito.

Implicavel com os adversarios foi sempre de uma dedicação providissima para com os amigos, e tenho comtudo mesmo um exemplo da elevação do seu caracter. Apesar de se ter estabelecido entre mim e Antonio Ennes, ha longos annos, e durante algum tempo, uma fríeza de relações, o facto que me lembra agora não o cita; se elle não viesse em abono da asserção que acabo de fazer. Tanto mais que eu não tenho duvida em confessar hoje que uma boa dose de razião estava da parte de Antonio Ennes.

Acabava de se representar no theatro de D. Maria o drama de Lino d'Assumpção: *Éva*. A peça, que no theatro teve apenas um *sucesso d'estylo*, foi pela critica mal recebida. E o mais acre, o mais violento, talvez o mais irritante de todos os artigos criticos foi o que no meu jornal firmei com o meu pseudonymo.

Ennes, ao tempo director do *Dia*, veio á estacada em defesa do seu amigo, então ausente no Brasil, mas defeza tão violenta como o era o ataque. Durou tres ou quatro dias a discussão, acabando por se azedar, talvez excessivamente.

ora o meu artigo era escripto sobre o ensaio geral e atacava muitas phrases que, sem eu dar por isso, tinham sido cortadas por Antonio Ennes, (que nos ensaios representava o auctor da *Éva*) antes da primeira representação. O ataque ao meu artigo baseava-se em sobredito n'este ponto, e tantos annos depois confesso com o maior prazer que não estava do meu lado a razão.

A lealdade, uma das bellas feições do caracter de Antonio Ennes, está photographada n'este simples facto.

O jornalista desdobra-se no dramaturgo, mas a meu ver, é ainda o jornalista que transparece em toda a sua obra de theatro. E a que lhe deu

mais nome, a que de chofre o fixou como dramaturgo, a que lhe creou por igual popularidade, lida hoje attentamente não nos parece mais que uma serie de artigos brillantissimos; uma intensa, viva e dramatica, porque não? campanha jornalística. A phrase sempre sonora, o estylo por vezes grandioso, a apostrophe tão violenta como certa, o grande jornalista ampliou-se do jornal até ao palco, para assentar os seus principios, impôr o seu pensamento, localisar a sua acção de propaganda. Incidentalmente educado por padres reaccionarios, quiz mostrar a todos os publicos como se fez guerra á reacção.

Foi esse drama, que acina de tudo, popularizou o nome de Antonio Ennes, tanto em Portugal como no Brasil.

Mas nem sempre são justas as causas de popularidade, que pequenas nadas, elementos fortuitos podem de subito dar ou tirar, diminuir ou engrandecer.

Aos *Lasaristas* eu preferia em vezes escrever aquelle theatre acto, por exemplo, dos *Enquetados*, que é uma obra prima de observação, de delicadeza do pensamento e de *mi ter* theatro. E o exito d'este excellentissimo drama pode porventura compararse ao dos *Lasaristas*?

Ao passo que para o theatro foi favorecido, foram-se accentuando propriamente as qualidades de dramaturgo; mas, como a outros tem acontecido, os desgostos do theatro, que pertencem a uma categoria especial, afastavam Ennes d'esse campo litterario em que tantos louros colhera, como afastaram Figueiredo Chagas, depois das criticas acerbas e imitações feitas ao *Drama do Fato*, que não deixa por isso de ser a melhor obra theatro do auctor de tantas e tão laureadas.

A melhor de Antonio Ennes não foi de certo *O Luzo*, a ultima, representada já ha 15 annos no theatro Normal. Mas o seu nome consagrado e a sua individual gloria de escriptor dramatico impunham a critica o dever de ser menos acerba e mais justa para um homem que tinha enriquecido o theatro nacional com obras de valor, e que todos sabiam extremamente susceptivel e resoluta o ponto de tomar o caminho que tomou: abandonar o theatro.

Homem de acção e de pensamento. Tal tem sido o parlamentar. Tal foi o estadista.

Concebi por dizer que elle era a reflexão, e a obra da sua actividade por tantos campos disseminada prova-o á exuberancia. Desde o artigo de fundo até ao discurso parlamentar desprezou, ou, melhor, odiou sempre os fogos fatias da rhetorica. E á concisão na palavra e na obra junto sempre a firmeza do caracter e a rectidão de espirito.

Jornalista, parlamentar, estadista, foi sempre recta e sempre a mesma a sua linha moral.

De fórma que, ao contrario do que acontece com tantos, elevados ás immensidades da politica, com Antonio Ennes nunca houve surpresas. Pelo que foi homem não podia deixar de ser o que é hoje.

Os seus actos, na coherencia que revelam, saem da sua individualidade como de um botão sae uma flor.

Ministro da marinha fez serviços de valor ás colonias e maiores teria feito se não tivesse o seu consulado sido tão curto e tão cortado de incidentes imprevistos e causas absorventes e de vulto, como a resultou do Porto. Mas se as circumstancias imperiosas e de momento o não deixaram á larga desdobrar e pôr em evidencia os seus recursos, o destino tantas vezes caprichoso e injusto, deu-lhe d'esta vez uma destorrra brilhante, immortalizando-lhe o nome.

Antonio Ennes fica ligado a todas as victorias d'Africa que n'este final de seculo tão alto fizeram subir o nome de Portugal. E, bem agradevel me é repeti-lo: escolhendo este escriptor tão popular, este caracter tão nobre, e este cidadão tão glorioso para nos representar no Brasil, dá Portugal uma prova suprema de estima, da consideração e do affecto que o liga ao seu querido irmão de além-mar.

JAYME VICTOR.

(1) O artigo que hoje publicamos firmado por um dos directores da *Revista*, appareceu no *Correio da Manhã* em 1906, pouco depois de ser Ennes nomeado nosso ministro no Brasil.

E como tem toda a actualidade, e como todas as asserções que n'elle se fazem ha cerca de cinco annos, podiam ser feitas n'este momento, damos-lhe hoje cabida nas paginas do *Brasil Portugal*.



A desculpa de enganar os amigos está na difficuldade de enganar os inimigos.

ACHILLES MAIGNER.

A liberdade é o fructo dos bons costumes politicos.

BAULÉ.

As grandes descobertas são as flores e os fructos de inumeraveis hypotheses, concebidas no enthusiasmo e comprovadas pela paciencia.

GASTON PARIS.

O estoicismo é a moral dos fortes, o ecletismo a sciencia dos sabios, o idealismo a arte e a religião dos delicados.

A desgraça faz brilhar certas virtudes, como a noite faz scintillar as estrellas.

JULIO CLARETTE.

Os funeraes de Antonio Ennes

Os funeraes do illustre escriptor que a morte fulminou aos 33 annos incompletos, foram uma manifestação imponente de saudade. Acompanhado de alguns amigos sinceros, foi o caixão transportado de sua casa em Queluz, essa deliciosa e alegre vivenda que elle ha pouco ainda fizera edificar, para um furgon armado em camera ardente, preso a um comboio que chegou a Lisboa



Em Queluz — A sahida de casa

às 4 horas, seguindo, meia hora depois, atraz de um prestito numeroso para o cemiterio dos Prazeres. Fizeram-se representar n'esse prestito varias associações a que elle pertencia e cujos delegados lhe disseram á laira da sepultura o adeus ultimo, e fez-se representar tambem por todos os seus membros o governo portuguez que pela voz eloquente do conselheiro Teixeira de Souza, ministro que occupa hoje a pasta da marinha que Antonio Ennes tivera a seu cargo de 1890 a 1891, lhe tributou merecida e justa homenagem n'este discurso:

«Em nome do governo venho cumprir um dever que se me adigera indeclinavel, qual é o de prestar o devido preto a memoria de quem, em vida, superior e dedicadamente serviu o seu pais. Ministro da marinha e ultramar, representante de Portugal na delimitação de Manica e ministro plenipotenciario junto da Republica dos Estados Unidos do Brazil, Antonio Ennes teria já feito jus á homenagem prestada pelo governo em nome do pais, se mesmo nas tivera sido commissario regio em Moçambique, onde ligou o seu nome a uma das paginas mais bellas e brillhantes da nossa historia moderna, a essa formidavel epopiea que, começada no facto unico e glorioso de Marracuene, terminou no prodigioso e immorredouro feito de Chaimite. Quando Portugal estava profundamente emocionado com o brillhantissimo triumpho obtido pelas nossas armas: quando não havia alma porfidada ao mundo que não se admirasse e de agradecimento no seio da representação nacional, levantava eu a minha modesta voz para cumprir o dever de apontar á gratidão do meu pais todos os que tão heroicamente o haviam exaltado, associar o nome de Antonio Ennes ao dos nossos valerosos soldados de mar e terra, que haviam mostrado ao mundo que não acabára a raça dos antigos dominadores, que se não intimidara a seção dos que succederam aquelles que secha suas mãos levaram a Europa a terras e mares até alli desconhecidos.



Em Queluz — No estrada

Justa e espontanea homenagem foi enviado por mim prestada na liberdade da minha seção parlamentar.

Hoje, ao cahir a pedra tumular sobre os restos do que deixou o seu nome tão singularmente ligado a factos que assombram o mundo, pelo heroismo e valor dos nossos soldados e pela superior concepção do plano e firmeza inextinguível na sua execução, investido n'uma situação official que impõe deveres, cumprio o de prestar homenagem á memoria de quem em vida, exaltou os serviços prestados á

patria. Antonio Ennes ostentava a gran-cruze de Torre e Espada, a mais nobre signi-hetriz das condecorações portuguezas, dada como recompensa pelo chefe do estado, com a referencia do chefe do actual governo, em seguida ao colossal triumpho.



O furgon armado em camera ardente

Transporte-se a legenda—Valor, lealdade e merito— para a lapide tumular, e junto elogio ficará feito aquelle deante de cujos restos me inclino reverente.»

Antonio Ennes, depois de cursar brillhantemente o curso superior de letras, entrou na vida commercial, mas os acontecimentos politicos que ficaram conhecidos pelo celebre 19 de Maio, attiraram-o com enthusiasmo para o jornalismo, destacando-se logo os seus artigos entre tantos dos brillhantes escriptores que então redigiam a *Gazeta do Povo*, orgão do partido progressista. Do jornal passou para o theatro. Escreveu *Os Lazzarillos*, peça de debate, drama que tem além do grande successo artistico, um doido successo politico; *Eugenia*, *Os Enfeitados*, *Saltimbenco* todas representadas no theatro do Gymnasio e depois para D. Maria, *O Luzo*. Deixou ainda dois outros trabalhos: *O Dinoredo* 1 acto e *A Emigração*, drama em 3 actos, aquella representada pela actriz italiana Celestina Paladini para quem elle expressamente o havia escripto, e este vendido para o Brazil. Do theatro passou ao parlamento, depois aos conselhos da corôa e por fim á administração superior da provincia de Moçambique, e á representação diplomatica de Portugal no Rio de Janeiro. Esteve como governador e administrou que em 1895 foi lhe confiada novamente essa administração, com os altos poderes de commissario regio. Deixou além de um brillante relatorio da sua gerencia ultramarina, dedicado a S. M. a Rainha, um livro muito curioso da sua viagem a Moçambique, que está sendo publicado nos *Serios*, publicações artisticas mensaes. Era tambem inspector geral das Bibliotecas e director do *Diá*, jornal que elle fundou.



O jazigo de Antonio Ennes á direita do de Pinheiro Chagas



Em Lisboa — Dentro do cemiterio dos Prazeres

Não são de tantos symptoms inquietadores para a paz da Europa, ayzas nos symgnars um acontecimento do mais favoravel augurio, e sobretudo completamente inesperado. Referimnos á attitudo da Bohemia por occasião da recente viagem do imperador Francisco José a Praga.

E' conhecido o lamentavel estado de perturbação a que a politica austriaca tinha chegado n'estes ultimos annos. O encarnçamento dos dois grandes partidos, — o tchèque e o allemão — attingiu taes proporções que durante sessões consecutivas a acção do *Reichsrath* esteve completamente paralyzada, succedendo se os ministerios que a pouco trecho cahiam inutilizados pelo obstruccionismo, que as duas facções rivaes alternativamente exerciam como infallivel arma de combate. Se o ministerio se inclinava para o lado dos tchêques, como aconteceu com o gabinete do conde de Barden na questão das linguas, tinha contra si em fileira cerrada os allemães e os seus alliados. Se pelo contrario parecia disposto a favorecer as aspirações allemães, eram os slavos de todos os matizes que lhe faziam uma guerra de exterminio. Em summa, as cousas chegaram a tal ponto, e a situação politica assumiu tal gravidade que se pensou muito a sério nas regiões governamentais em decretar dictatorialmente as leis constitucionaes, como os orçamentos e a prorrogação por um novo periodo do compromisso com a Hungria, dispensando a collaboração do parlamento para estes graves assumptos, que os deputados se recusavam a discutir ou para menos a votar.

Era para e simplesmente a volta ao poder pessoal anterior a 1866 o que se estava preparando pela cegueira das opposições. Não faltaram as prophcias mais lugubres, que, diga-se em verdade, a situação plenamente autorisava. A dissolução do imperio passou a ser discutida nos circulos europeos como uma eventualidade nada improvable, e relembra-se, para lhe dar razão, infelizmente confirmado pelos factos, o sinistro prognostico de Blowitz. Foi n'esta conjunctura que salvou ao poder o gabinete Kerber. Era mais uma tentativa do imperador.

Porventura o seu ultimo esforço para conseguir a pacificação entre tchêques e allemães, ou então o derradeiro passo para a corôa se encher de razão, e justificar o seu ulterior procedimento perante a Europa.

De principio o ministerio Kerber teve a mesma sorte dos seus predecessores. As scenas escandalozas que n'estes ultimos tempos fizeram do *Reichsrath* austriaco exemplo unico no genero, repetiram-se, se é possível, mais correctas e augmentadas. Tudo emfim fazia prevêr o naufragio das esperanças depositadas no actual presidente do conselho, cuja politica consiste em evitar precisamente as questões politicas, que até agora teem sido o pómo da discordia entre tchêques e allemães.

De repente, porém, serenam os animos. O parlamento, ha tanto tempo inutilizado para qualquer trabalho proficuo, vota o projecto do governo para a construção da rede de canaes na Cisleithana. E a excursão do imperador Francisco José á Bohemia, que muitos olhavam com receio, transformouse em verdadeira viagem triumphal, cujo exito suprehende os proprios ministerias.

A proposito d'esta viagem os órgãos da opinião tchêque, como a *Politik* e as *Narodny Listy*, não cessam de encaecer-lhe a importancia, prevendo uma era de pacificação que porá termo ás luctas que ameaçavam destruir a integridade do imperio. Realizar-se-hão estes desejos? E' cedo de mais para o afirmar. Quando o echo das ultimas festas se tiver amortecido e já ninguém se lembrar dos discursos pronunciados, retornarão o seu logar nas preoccupações dos patriotas tchêques as questões importantes, que, por estarem momentaneamente adiadadas, nem por isso se acham resolvidas. Uma d'estas questões é a das linguas.

A reclamação dos tchêques para que no reino da Bohemia a lingua nacional não seja sacrificada á allemã, quando a grande maioria da população é slava e não comprehendendo esta ultima linguaagem, parece-nos de todo o ponto justificada; tanto mais que o tchêque é hoje uma grande lingua culta, órgão da litteratura, que no mundo slavo vem logo em importancia após o russo e o polaco.

Os allemães, porém, que sonham com a germanisação completa da Cisleithana, oppõe-se por todos os modos a que o tchêque seja considerado lingua official, pois bem sabem que semelhante concessão actualmenté para elles a perspectiva das esperanças de predominio. Esta questão está adidiada. Mas julga-se ha algum, por mais optimista que seja, resolvida? Crêmos que nem o proprio presidente do conselho pôde a este respeito nutrir illusões.

Desenganem-se os homens de estado austriacos. O exemplo da Hungria foi contagioso. Emquanto não forem concedidas a todas as nacionalidades do imperio garantias identicas ás que os hungaros actualmente gozam, não ha paz nem tranquillidade possivel. E na verdade valem os sete milhões de tchêques menos do que os sete milhões de magyares, que dominam na Transleithana e que sobearam impôr-se ao centralismo de Vienna?

O imperio austro-hungaro ou se ha de converter n'um grande imperio federativo com iguaes direitos para todos os grupos nacionaes

ou deixará de existir. O actual dualismo para beneficio exclusivo de magyares e allemães é insustentavel, ainda que tenha a escudal-o todas as habilidades da velha diplomacia de Metternich.

— Renovar-se-ha a triplice alliança? Não se renovará? — E' este o thema favorito das discussões jornalisticas dos dois lados dos Alpes, ha uma certa época a esta parte. E á medida que o tempo va decorrendo e que o termo para prorogar o tratado ou para simplesmente o deixar extinguir se approxima, mais a polemica se anima e maior interesse naturalmente adquire.

Dois acontecimentos importantes e que muitos suppõem estreitamente relacionados contribuíram para dar á questão da renovação da Triplice innegavel importancia. O primeiro d'estes acontecimentos foi a morte do rei Humberto, que, conforme era sabido de todos, pezava com a sua influencia pessoal para a continuação do accordo com as duas potencias da Europa central. Acreditava-se geralmente que o seu successor é muito menos zeloso partidario da alliança austro-allemã do que o fallecido monarcha. E sendo assim, a Triplice vê-se privada pelo lado da Italia, do melhor dos seus defensores.

O segundo acontecimento a que nos referimos é que muitos quem consideram como consequencia do primeiro, foi a visita da esquadra italiana a Toulon. A respeito d'esta visita e do seu provavel alcance já n'uma das anteriores revistas fallámos. No entretanto e qualquer que seja a significação, que se lhe deva attribuir, é certo que ella constitue um importante elemento para a discussão, que ainda veio avivar o discurso do sr. Prinetti na camara dos deputados italiana.

Não ha duvida que é intenção do governo de Victor Manuel III renovar o compromisso que o liga a Vienna e a Berlin. Sobre este ponto pôdem desenganar-se os francezes; e se a tal respeito algumas illusões nutriam, alimentadas pelos dois factos acima mencionados, pôdem bem perdê-las, em que lhes custe. Mas por outro lado não encontra a renovação da Triplice alliança sérios embaraços tanto da parte da Italia, como da parte da Austria e da Alemanha? Crêmos que ninguém de boa fé o duvidará. A propria declaração do governo italiano de que a renovação do pacto politico depende em certo modo da celebração de vantajosos tratados de commercio com as outras duas potencias contractantes, frisa bem o ponto fraco da combinação e responde por fórma nada tranquillizadora ao optimismo do conde de Bielow, quando affirmava em pleno *Reichstag* com o fim de acalmar os receios do partido agrario que se não alliasse para altos fins politicos, embora os respectivos interesses economicos sejam antagonicos. Não é esta a opinião corrente no Quirinal, pelo que se vê. As exigencias do partido agrario tanto na Austria-Hungria como na Alemanha, especialmente na Prussia, são o principal obstaculo que a Triplice alliança encontra no caminho. A Italia carece de encontrar mercados, que lhe permitam collocar os productos da sua agricultura, tão combalida a um tempo pela falta de capitães baratos, pela ausencia de instrucção tecnica e pela terrivel concorrencia que principalmente aos vinhos da peninsula faz a França. Porisso impõe-se ao governo, pertença elle a que partido pertencer, a celebração de tratados de commercio favoraveis aos interesses agricolas da nação, seriamente ameaçados. Mas a agricultura da Austria-Hungria e acima de tudo a das provincias orientaes prussianas, embora não se encontrem em situação tão precaria, não são menos exigentes nas suas reclamações, e já assustada esta ultima pela entrada dos cereaes russos, o que pede sido pautas prohibitivas para afastarem novos concorrentes e sendo possivel pôr até fóra de combate os antigos.

Qualquer governo italiano que, na confecção dos futuros tratados commerciaes desattendesse a corrente da opinião publica, influenciada pela attitudo das provincias, seria irremediavelmente derribado. Mas não é menos certo que nos circulos politicos allemães corre com insistencia o boato de que o conde de Bielow se vio affimado a transigir com o partido agrario, compromettedo-se a respeitar-lhe os interesses.

Se este boato se confirma a questão da renovação da triplice alliança complica-se por fórma tal, que se torna difficil prevêr-lhe o desfecho. Aguardemos os acontecimentos.

Na Dinamarca acaba finalmente de subir ao poder, depois de perto de trinta e um annos de ostracismo, a esquerda democratica.

Desde 1870 que o rei Christiano se recusava a entregar a administração aos liberaes, governando, conforme é sabido, durante todo este tempo com a minoria, apesar dos protestos da camara e da opinião publica. Como aconteceu sempre em situações identicas, a teimosia real teve que ceder perante a vontade da nação expressa e nitidamente formulada nas ultimas eleições. O ministerio Sehested foi batido. O rei ainda quiz tentar um ministerio de resistencia, mas na impossibilidade de o poder constituir encaregou o sr. Deuntzer, professor de jurisprudencia, de formar o novo ministerio.

OS MAGNANIMOS

MOURA GYRÃO



Pintor Gyrão

A SACRADA panria alfa-cinha que traz adormecimentos para todos entusiasmados, esta velha panria nacional, fatalista e atávica, teve um brusco sobresalto e esboçou um riso petalante quando os jornais noticiaram algumas das decisões do jury que selecciona os artistas expositores da Sociedade Nacional de Bellas Artes. Foi o caso de uma glorificação posthuma a Ferreira Chaves com medalha de honra e a impredicível, tardia lagrima de saudade e oferta d'um terceiro premio a Gyrão, esse velho pintor animalista que passados quarenta annos de trabalho, sem preferir rivas, integro nos seus processos artisticos, chegou ao fim da sua longa carreira renunciando á justiça dos mestres.

Enternecida figura de velho, probo e honesto, é elle o unico sobrevivente d'uma geração de fortes, captivos d'uma profissão ingrata, sem maior estimulo do que aquelle que nasce d'uma vontade de ferro, sem maior gloria do que a que resta d'uma recordação. Eu queria que o jury, n'um esforço coerente com o valor do artista, lhe tivesse conferido o premio reconfortante e justo que aquella bella independencia de isolado merecia.

Assim, mataram-lhe a sua ultima esperanza.

Ainda não ha muito, por um claro dia de sol, me fui a convite de Gyrão, té á Cruz da Pedra, visitar-lhe o atelier.

Alli trabalhava esse bondoso, de camaradagem com um outro temperamento de artista: o Galhardo.

A meio d'um parque armado em horta ficava-lhes o cacifo com a apparencia exterior d'um barracão onde as trepadeiras se entrelaçam e arrulham pombo noitando.

Quando lá cheguei já o Gyrão me esperava no portão gradeado e logo a sua voz amiga me saudou cheia de effusiva alegria e disse-me:

— Quer ver os meus modelos?

E foi-se a buscar umas microscopicas galinhas da lha que debicavam livremente, n'um velho tronco derruido. E eu atrevia-me a consultal-o sobre os preceitos d'uma canja, quando elle, n'um impulsivo encolher d'ombros, me affirmou que nunca se banqueteara com uma aza de frango ou n'essas correrias bohemias nunca á sua meza viera uma cabidella de coelho. — Que-

ro-lhes muito e não posso. E fioamo-nos a fallar sobre projectos d'arte, em que eu dentro do meu recente noviciado litterario já me mostrava sceptico, e elle, tão longe da sua estreita, ainda uma grande fé no coração, apresentava o plano de uma enorme teia que seria o seu ultimo trabalho e que se intitularia: — *O sonho d'um gallo.*

E fixava tanto aquella idea que a sua mascara triste de melancholico tomava um aspecto novo e com a minha bençala esboçou na terra o esquisso grosseiro, mas nitido, do quadro. E é que eu lhe admirava era a ternura, o cuidado dos detalhes, a tenue fili-

grana dos pormenores, a visão calculada, a entusiasmatica ancia de que se deixava possuir para a suggestão completa do que elle chamava: — o meu ultimo trabalho.

— Mas como o sol batess sobre as nossas cabeças, loiro e ardente, e os caramanchões estivessem armados em caapeiras, decedimos refugiarmo-nos no *atelier*. Na entrada, ao alto, via-se o retrato de Julio Dantas que Galhardo apresentou ultimamente, mais alem do de Manuel Pentecado e a coroar uns estudos incompletos uma linda payasagem mordia de sol onde uma velha arvore, no ultimo plano, abria um amplo docei de sombra.

Comosco entrava uma professional fleira de galillos, impudentes, de rubra crista em riste, que possavam a trouxe-mouxe sobre molduras sem tela, n'uma alegria orgulhosa de se sentirem em aristocraticos poleiros, oisrentes e brunidos.

O Gyrão mostrou-me ainda outros projectos e entre elles essa curiosa, deliciosa pagina que se chama *Em familia*. É um recanto de curral flagrante de observação e onde a cor tem uma grande justeza e a vida uma grande verdade.

— Este está vendido; agora, penso n'um combate de gallos no primeiro momento de se entreolharem, *frente a frente*.

E foi a este que o jury ofertou uma terceira medalha, mas... Eu arriquei uma phrase sobre a difficil vida portugueza, blasphemel contra a indifferença do publico e insistia no desleixo dos governos, quando o Gyrão volveu com o seu optimismo a destrui-me a irreverencia, e a minha alma revoltada, diante da sua alma, tornou-se submissa. E como viesse cahindo a tarde n'uma serenidade de poente, melancholica, eu despedi-me do artista que ficava ainda todo entregue á sua doirada illusão:

— Não diga mal que a vida vale algumas horas d'amargura.

E eu ia já na estrada, ouvindo cavatinas de passaros, o farfalho das ramarias, arrancando á minha mocidade certas angustiosidades de bilioso, quando a sua voz, de longe, ironica e amiga como ha instantes, como sempre, resou aos meus ouvidos:

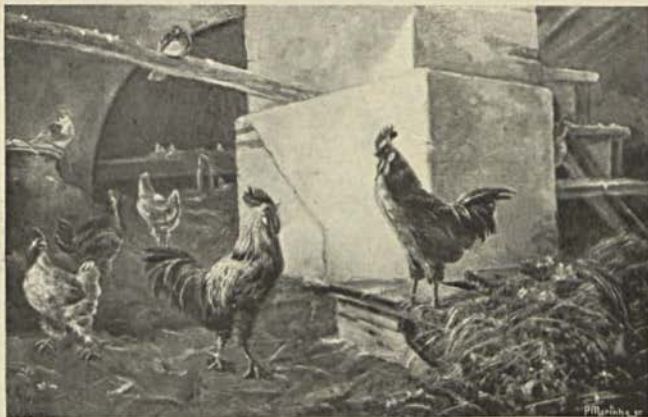
— Adeus, má lingua...

Agora, depois de fundos desalentos, de dolorosas crises de familia, de angustiadas torturas moraes, o Gyrão vó-se na sua hora final vivendo d'uma unica lucta, mercê d'essa guerra accessa que alguns inuteis lhe movem.

N'um caso identico, dizia justamente, ha tempos, Gabriel Hanotaux: *"Il n'est pas impossible, cherchant un peu, de découvrir quelque petite chapelle artistique — de ces chapelles qu'on fait petites pour que les officiants paraissent grands"* — ...

E é esta crueldade que me indigna, este egoismo que me enche de tédio e de desdem, o saber-se que esse santo velho que exgotou o melhor do seu coração acaalentando esperanças e o melhor da sua

actividade encaminhando promessas e vocações, conseguiu mover um jury, não a que fosse condescendente, mas a que fosse injusta.



Frente a frente, quadro a oleo de Gyrão

os do grupo iam fazendo das despedidas e as ultimas notas dos violinos se perdiam lentas na agonia final dos ultimos accordes, eu pensava:

— Que na entrada da Sociedade Nacional de Bellas-Artes continuava a permanecer inerte, na sua fria immobilidade de estatua, esse symbolo eterno da graça e formosura: *A Venus de Milo*, mutilada, para não poder ter, n'um supremo arranco, um supremo gesto de revolta e desprezo...

Magnanimos!

SANTOS TAVARES.

ELEGANCIAS E MODERNIDADES

As joias femininas



JOIA é o complemento indispensável da toilette feminina. A nomenclatura das joias é longa como uma noite de inverno: braceletes, brinços, *sigretes*, anéis, medalhões, cintos, collares, *fiellas*, *chateinases*, pentes, alfinetes, traucelins, broches, cordões, diademas, caudias, *agraças*, berloques, dizes, botões, leques, cruzes, placas, frascos de saes, caixas de polvilhos, gargantillas, espelhinhos, *lorgnonas*, lunetas, relógios, fitas, cinturas, porta-leques, carteiros, *zuloiras*, castões, bolsas, ridiculos, sacos-aumonières, etc.

Na antiguidade já encontramos menção das joias enviadas por Isaac a Rebecca, dos diademas de Semiramis e de Dido, das joias da rainha de Sabá, que Flaubert tão vigorosamente descreve na *Tentação de Santo Antonio*, do anel de Faustina, que valia um milhão, e das perolas que Cleopatra fazia dissolver em vinagre n'um festim.

As egypcias, como as orientaes, amaram as joias salpicadas de pedras finas, exceptuando o diamante, o rubi e a safira, que lhes eram desconhecidas. Para ellas, todas as joias tinham um symbolismo particular, que lhes communicava o valor. Essas princezas muniñificadas, que repousam no fundo das cryptas millenarias, parecem ainda atrahir-nos, sob os diademas, com a sua pelle flexivel e perfumada, os seus rutilos pectoraes, os seus primores de glyptica, as suas pulseiras cravejadas de pedrarias, as suas sortilhas de ouro maciço, onde se engasta o escarvalho symbolico.

O anel foi o symbolo da eternidade, muitas vezes representado pela serpente mordendo a cauda. Mais tarde transformou-se no symbolo da duração, e converteu-se n'um penhor de aliança, conservando ainda hoje esse caracter chimérico de umol duradoura. Fazem-se anéis de cabelo, tendo apenas um valor sentimental, e anéis preciosos, tendo gravado nomes que, — á laia dos que decoram os arcos triumphaes — se ostentam como um desafio, como um apello, como uma litania de alegria. E a joia, embora se tenha tornado, em muitos casos, a expressão perfeitamente banal de puras conveniências mundanas, mantem a sua significação de testemunho amoroso, é a coisa superior ás outras que exprime um sentimento superior aos outros.

Sob este ponto de vista, a mulher moderna participa um pouco da mulher oriental, que decifrava a preferéncia do senhor e o seu direito a essa preferéncia na sumptuosidade dos teixes com que elle a magnificava.

As joias assyrias testemunham o gosto d'este povo pelo fausto, e a bijuteria e a glyptica dos persas continuam o gosto assyrio. Estes ultimos conservam, actualmente, a prisca tradição do amor ás pedrarias refulgentes como se tivessem captado os raios de luz que as feriram. E o seu chefe de estado parece ligar-se ao preterito pelo feo scintillante de pedrarias que borda a sua sobressaca. As gregas usaram os camphes de pedras polychromas, os collares, os alfinetes para cabelo, tambem muito em voga entre as romanas, e que, bastas vezes, tiveram o mais inesperado destino. Assim, as camareiras inhábiles gram alfinetadas pelas patrões; e Flavia vingou-se de Cícero, já cadaver, atravessando-lhe a lingua com um alfinete.

Nos tempos modernos, a França dá a moda ás joias como ao resto. A Regencia prohibiu o uso dos diamantes, das perolas e das pedras caras, o que não obistou a que a mulher do século XVIII radiasse de pedrarias desde o pentado até ás fiavelas dos sapatos. Mas a Revolução de 1789 encarrugou-se de reagir energicamente contra os excessos de luxo. A mulher do Directorio, em *toilette à la française*, desfora-se muito bem, dando um prestigio de aristocracia ás modas, embrocendo-as por uma distincção de boa liga, por uma elegancia de bon quilate.

Não resistimos á tentação de descrever a *toilette* da elegante, como a pintura uma testemunha contemporanea.

O pentado e o calçado eram pedidos á moda do século de Augusto. Uma redeseinha de purpura sustentava os cabellos, retidos adiante por um diadema de ouro estrellado de camphes. Calcava sandalias presas por ligaduras de purpura, nos losangos das quaes se desenhavam as pernas revestidas de um *tricot* cor de carne, os dedos dos pés ornados de anéis, as espaldas semi-veladas, os braços quasi nus, tendo um bracelete de camphes acima do cotovello; uma tunica, cuja cintura era presa ao seio por outro camphes, e um manto de purpura, que ora deixava cabir como o de uma princeza de tragedia, ora erguia para se emburhar n'elle como uma estatua. Tal era a maravilhosa — um *type épatant*!

Remettamos ao escuro a historia da joalheria, acerca da qual

muito ha que dizer, e occupemo-nos das joias modernas.

O gosto do bijd tem andado jungido á idéa de raridade e de preciosidade da materia, desde que a mulher augmentou a folha de vinha com que se contentava sua mãe Eva. Ella sentiu-se sempre augmentada e, por consequéncia, embelezada, pelo simples facto de pôr em cima de si alguns objectos, aos quaes, por consenso unanime, se attribue um preço consideravel. A joia, pois, apparece ao seu espirito como prova objectiva do seu valor intimo. E se as jovens ainda mais jovens parecem no meio do brilho branco dos diamantes ou do reflexo dormente das perolas, as velhas, por seu turno, sentem-se remocar, porque os clarões das gemmas e dos metars preciosos segredam-lhes que foram bonitas e dignas de sobre ellas se accumularem essas provas frisantes da magestosa e sorridente realza feminina, embora linguas malevolae asseverem que pedras finas em senhorças frustes são longas... sobre demolições.



Broche pendente

A Arte Nova destruiu a velha banalidade dos modelos antigos. Do maior ao mais pequeno, do mais futil ao mais necessario, os objectos que mobilam e ornamentam a nossa vida chegarão — por indolencia de uma industria rotineira — a ankylosar-se, a fixar-se em formas inalteraveis. E a preoccupação de vender barato deploravelmente proserveu a da belleza. A personalidade! Eis o que a Arte Nova procura resuscitar, tenta vivificar. A pureza da concepção e a pureza das linhas conjugando-se á idéa symbolisada — taes devem ser as caracteristicas das joias estilo-moderno. E' sobre ellas que os Beckers e os Richards, os Ruffes e os Dufrenés derramam a palha dourada da sua imaginação creadora, e fazem poesia a seu modo, como Victor Hugo escreveu em *Proment-Mourice*.

As mulheres da actualidade atravessam uma crise de curiosidades de toda a ordem, apaixonadas do exotismo, á cata de estheticismos perversos, sedentas de symbolos em que julgam ler, como em livro aberto, os grandes segredos da vida e da historia. As joias, portanto, devem adaptar-se a este estado de alma, a esta psychologia particularissima. Por isso a Arte Nova ideou joias, que satisfizem esses desejos anónimos, essas aspirações intercorrentes. Por isso a Arte Nova veio reavaliar a phrase velha de La Fontaine: *Il nous faut du nouveau, n'en fut il plus au monde*. Os symbolos da modernidade — lindas pilhas electricas enroladas em sedas e peluches — como que tem morbidas visões do fabuloso Oriente, quando sentem os cabellos mordidos por pentes em que se repro-



duzem japonismos macabros, chinéismos inusitados, equipações siamezas, exotismos mongolicas; experimentam bizarras sensações de peregrinamannas quando sustentem os cabellos com pentes, em que uma sirene se ergue sobre a onda para melhor admirar a perola magica que foi buscar — através da agua negra e rugidora — ao fundo do Oceano. Como que sentem estranhas broches em que os ibis rosados mergulham o bico n'uma pulverisação de esmeraldas, uma cabeça de uma pallidez de agonia repousa sobre o ouro flavescente de uma cabelleira desgrenhada, ou uma chimera palpita sob um véo fremeante de poesia. Os braceletes com arabescos fascinantes como luzes cabidas d'alguma florescencia virgem do sol dão-lhes guinas de jorandem nas terras de magia e de sonho, de abalarem para os paizes de onde surge o arco loiro da lua, de onde nasce a aurora ou onde expira a luz. No chocealhar dos berloques pendentes das pulseiras, julgam ouvir não sei que musica insidiosa de encantamento, talvez um echo da musica das espheras pythagoricas. Fixam os chapéus com musas desgarradas de inspiração e de angustia, com pregos artisticos que apresentam a fragilidade das coisas aladas, e onde perolas de uma finura laetca põem um brilho doce, como que a mistura de uma carieira ardente e de uma lagrima furtiva. Apertam-se com cintos, em cujas fiavelas os eyanes magneticos nadam entre enzeitados caprichos.

A mulher de hoje em dia tem por moda mais do seu peito o trazer grande quantidade de anéis, onde renques coliantes de crystaes lembram ramificações de mercurio ao luar, simulas incandescencias buliosas de fogos de bengala, e onde pedras meudas imitam olhos muito bellos, estranhos e penetrantes como verrugas em camaras e cós da esperanca ou do abastado, sapiras — um azul fredo, rubis sangrentos, granadas rubidas, opalas nebulosas, olhos de gato phosphorescentes,



Alfinete

turquezas desmaladas, amethystas prelaticias, topázios cõr do sol outomnal, girasões bicolores, peridotos azcitrinados, aguas-marinhas verdes como lagrimas de onidas, malaachites de um esmalte diaphano de onda, asterias estrelladas, beryllos de sinopla, aventurinhas rajadas de oiro, marcassitas ictericiadas, sardonicas negras como a consciencia de um carraço, diamantes-rosas em combustão, crystalliações de facetas curvilíneas e extrema pureza de aguas, quartzos-hyalinos despedindo scintillas prismaticas, pedras de colorido variegado em que tremeluzem constellações, fuzilam relampagos, zigzaguem dardejantes luminosidades sideraes, flamejam labaredas de incendios, rutilam phosphorescencias da ardentia atlantica. Esta reedificação dos costumes medievicos reveste um certo chic. O tom das pedrarias aviva o reflexo nacarado da carne, as veias parecem de um azul mais pallido, as unhas semelham petalaminhas de rosa. Os maridos de



Relógio e chateleine



Pente chignon



Fecho para cintos

bom talante devem experimentar alegrias extra-terrestres ao verem as mãos encaixadas e adoravelmente *baguetes* das esposas admiravelmente *folhettes* acintillarem como gigantescas borboletas multicores, ou pyrilampisarem como feixes de luz sobre o teclado do piano.

esthetico e o senso teleologico, e regozija os... cabritos.

PINTO DE CARVALHO (TIPO.)



Cinlo

Psalmos da minha Biblia

(À MINHA FILHA SELIKA)

I

Dourado enxame d'estrellas
Zumbe volatas no eão...
Só eu sei a historia d'ellas,
O', filha, que o eão me deu!

II

Ha quem diga que são astros
Com multidões desvaíadas;
Se é assim, tambem de rastros
Ha, por lá, mães esfaíadas.

III

Ora, filha, eu não creio
Que meigo sendo Jesus,
Queira vêr o eão tão cheio
De braços de tanta cruz!

IV

Não pôde ser! Deus não deve
Illuminar o infinito
Para dar lyrios á neve,
Para dar alma ao granito.

V

Nos livros ha coisas d'estas!
Mas vê lá que malvadez,
Ter a Via-Lactea em festas,
E a morte dentro, talvez...

VI

Tu pereeas facilmente
Que os sabios andam errados...
Olha a lua! E' mar dormente
Com bergantins de noivados.

VII

E todavia não falta,
Quem nos diga, sem córar,
Que ella é a tumba mais alta
Que o bom sol anda a cair.

VIII

Francamente, não ha nada
De mais estranha ousadia,
Que dar á lua prateada
A eór branca da agonía.

IX

As almas boas, piedosas,
Nos psalmos da extrema-uneção,
Julgam vêr nas nebulosas
As Hostias da communhão.

X

São almas crentes e justas
Voando, de braço dado,
Para as aneias augustas
Do vasto Azul constellado.

XI

N'uma Alleluia de Calma,
Contractas, ficam ahi,
Como fica esta minh'alma
Triumphal, junto de ti!

XII

Se é preciso haver um templo
Para tanto seio afflieto,
Póde ter Deus, por exemplo,
A cathedral no infinito.

XIII

Vês assim que os sóes immensos,
Como é muito natural,
São lampadarios suspensos
Ao tecto da cathedral.

XIV

Mas eu não penso de certo,
Como pensa muita gente,
Pois já vi o eão de perto
Com anjos na minha frente.

XV

Talvez digam que te illudo
N'estas balladas ideaes;
Não o creias, que isso tudo
E' só linda, e nada mais!

XVI

Nem julgues que é phantasia
De algum velho pachá moiro:
Mas toda estrella erradia
E', filha, uma abelha d'oiro!

XVII

Vespa phantastica e louca,
Debruçada sobre a flor,
Que se desata na bocea
Das virgens mortas de amor...

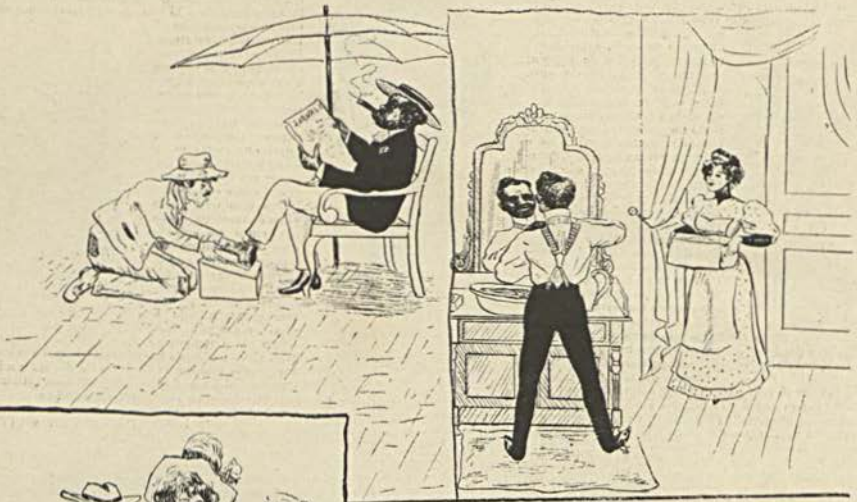
XVIII

Vespa de inquietos adejos,
D'azas de fogo, iriadas,
Que morre, farta de beijos,
Nos braços das madrugadas.

Folotas, 1901.

MARIO DE ARTAGÃO.

A RAÇA NEGRA



CHRONICAS DE MARINHA

Lancha «Capello»

(1895)

Em fins de 1894 uma rebellião de caetres surpreendeu o districto de Lourenço Marques. Ao clamor do primeiro sobresalto acudiu a diminuta força da Estação naval do Indico, que ao tempo se compunha da corveta *Rainha de Portugal*, da canhoneira *Quana*, de dois pequenos vapores o *Naves Ferreira* e o *Auxiliar*, e das lanchas *Lefta* e *Escomarte*, dos navios proprios para a policia colonial, e pelo diminuto numero de praças que podiam desembarcar, e pouca artilheria de que dispunham, a não ser o provado valor dos tripulantes, materialmente eram fracos os elementos de defesa.

Acudiu-se á fortificação passadeira da cidade, organizou-se a defesa para não haver confusão em caso de combate, estabeleceram-se postos avançados e patrulhas, pediram-se socorros para a metropole, e em frequentes tirotesos e alarmes foi decorrendo o tempo, até que chegou do reino o auxilio requerido.

Em breves soldados portugueses, com prospera fortuna, escreveram nos annos da historia patria duas paginas brilhantissimas, as victorias dos quadrados de Marracene e de Magul.

Estabeleceram-se postos em territorios dos rebeldes, afastou-se da cidade o receio da ser accommettida, e o rio Incomati passou a ser a linha de defesa, e n'elle a esquadriha fluvial a prestar exemplar serviço, não só abastecendo os postos, mas bõa ardeando a campanha a tirones de canhões, tornando assim respeitada e temida a bandeira, que trombalava nas suas varas de combate.

Comprara o governo em abril de 95 dois vapores, um em Zanzibar, outro no Natal, e convenientemente transformados em lanchas-canhoneiras *Incomati* e *Mogazi* incorporaram-se na flotilha. Em maio, após uma viagem heroica e milagrosa, o *Sabre* e a *Carabina*, duas lanchas de navegação fluvial comboiadas pela canhoneira *Rio Lima*, tinham feito a salvo a travessia do Zambese a Lourenço Marques, mostrando que nem os recios do tempestuoso canal de Moçambique assim affrontado em barcos tão fracos, eram bastantes para tolher o valor e a pericia dos nossos marinheiros, quando a patria carecia d'elles para a defender contra a furia de inimigos.

Em resumo, 7 barcos, 15 bocas de fogo, 9 officios e 120 praças de marinhagem acompanharam a esquadriha do Incomati, isto é: um vapor e seis modestissimas *estimellas* — nome dado pelas lândas aos *steam well*, canhoneiras fluviais movidas por uma roda á pópa — que denodadamente tinham cooperado com o exercito para o glorioso fim de submeter os rebeldes e de salvaguardar os interesses portuguezes.

Cento e vinte homens — tantos quanto os da guarnição d'uma só canhoneira regular — divididos por sete navios-microscopicos, bateram e venceram centenas d'inimigos, que embuscados no capim e arvoredos marginaes respondiam a fogo de espingardas Snelder e Martini, mostrando-se audazes e valentes.

Cento e vinte europeus abatidos pelas febres dos rios paludosos, exaustos pelos cuidados e trabalhos excessivos, pelas fainas a safar de encalhes frequentes os seus barcos dos baixios do rio impetuoso, lutaram e venceram em guerra porfiosa sem um só momento de desânimo.

Filhos da terra portugueza, e tão longe d'ella a pugnar pelo seu prestigio, bem mereceram da patria seus benemeritos, que galbardadamente honraram o nome da marinha.

Mas a guerra não estava ainda terminada pelas victorias anteriores. Manjaccze era longe, e o imperio dos vatus poderosos. As mangas dos guerreiros do tyranno Mundgags ameaçavam as terras do Incomati, e os regulos avassalados temiam a vingança do seu despotico e terrivel oppressor.

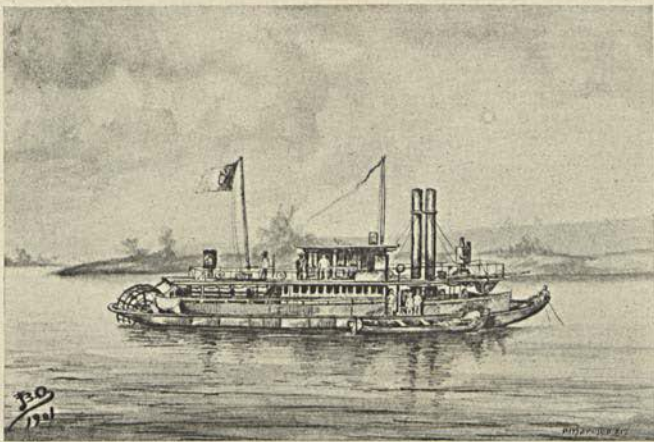
Os seus indians chamavam á guerra os povos avassalados, e se muitos d'elles detestavam o Gungunghana, e de má vontade cumpriam seus mandatos, ainda assim irresolutos e temerosos não se manifestavam abertamente, crentes em que os vatus eram invenciveis, e cedo a sorte da guerra mudaria.

Era urgente avançar para o sertão, como que a buscar a fera em seu covil. O Limpopo era uma magnifica linha de penetração, e da maxima importancia diplomatica furtar ao Gungunghana o socorro dos seus numerosos e bravissimos guerreiros.

Quasi inexplorado, só as primeiras milhas do curso do rio tinham sido navegadas pelos brancos. Para cumprir a missão geographica, diplomatica e guerreira foram escolhidos dois navios, o vapor *Naves Ferreira* e a lancha-canhoneira *Capello*, respectivamente commandadas pelos tenentes Diogo de Sá, e Alvaro Soares d'Andréa, com a guarnição total de cinquenta praças.

Descobrir o que foi a exploração do rio, só para si requeria um livro especial. Fez-se, não obstante serias difficuldades, que todas venceram o esforço e persistencia d'aquelles bravos marinheiros.

Sobre as aguas pardacentas iam singrando as lanchas-canhoneiras com assombro dos indigenas, que acorriam ás margens a ver as *estimellas*, de que a fama lá chegára, e em cuja effluencia punham duvidas, e sorriam de desdenhosos da exiguidade dos barquinhos. O *Naves Ferreira* é um vapor de ferro de 340 t., dois helices e de 2^a e 2^a 5, e portanto difficil de navegar em aguas pouco fundas. A *Capello* é uma lancha de 40 t., de aço, immergevole de 0,3, armada com duas canhões-revolvers Hotchiss, 3^a e 4^a de 11, e a diante do alojamento, e duas metralhadoras no *spardes*, áffora algumas escarabanas d'ordenança.



A lancha «Capello»

Desenho de João Elias d'Oliveira.

plomatica perdia o tempo a querer convencer os indigenas a revoltarem-se contra o poder do Gungunghana. Os regulos e indians descreiam da realisação das ameaças de exterminio e do valor bellico dos navios. Assim se passaram os primeiros dias de outubro de 95, até que declarado o ultimatum em 16 romperam as hostilidades.

Trovejou a artilheria, e o fogo atecou-se pelas margens, destruindo as povoações, gados e sementeiras, até onde as balas alcançavam.

Afugentado o gentio seguia-se o desembarque a completar o saque e a ruina. Como sinistras almenaras pelos extensos planos marginaes reluziam as chamas das palhoças, e as granadas rebentadas, e incendiando o matto convinhão iam dizer aos cañões amedrontados, que a justiça do rei de Portugal chegava longe.

No dia 26, em terras do Chai-Chai, as mangas dos vatus offereceram combate á canhoneira, que se achava sózinha nas operações do Limpopo.

Em pouco tempo foram rechacados, e os indians e o proprio Godide, que os commandava, iam foragidos deculpar-se ante o Gungunghana, dizendo: que a *estimella* punha no ar tantas balas, que parecia enxame de moscas a zumbir.

No dia 27 as gentes do Chai-Chai decidiram-se finalmente a pegar pé, a render vassalagem aos portuguezes, e a revoltarem-se sem rebuço contra o Mundgags, que os opprimia.

A *Capello* estava amarrada a poucos metros da ribeira. Em terra densa mdo de guerreiros armados olhava atenta para os quatro indians, que tinham ido para bordo, e que no *spardes* do navio, á vista dos seus honores, apresentavam ao commandante Andréa os seus protestos de submissão e lealdade. O interprete ia lentamente traduzindo, e os quatro *rodellas* submissivos agurdavam a resposta do commandante.

Dixi-lhe que não bastam só palavras, queremos uma prova de lealdade convincente. Cantem em coro o *Inquáda*, e só assim me convenceréis que sois amigos verdadeiros. Os indians rojaram-se no chão alucinados. Cantar o *Inquáda* era para elles uma sentença de morte. Uma só vez por anno, por occasião das grandes festas, era lícito entoar a letra d'essa canção terrivel, aereo de insultos e imprecações contra o temeroso Gungunghana. Uma só vez por anno, as notas estridentes d'esse canto de indignação contra as potentencias do tyranno, podiam vibrar sonoras, repetidas pelo echo das campinas, como sllivio ao acervo pensar dos desgraçados, que n'aquelles insultos e reprimendas achavam momentaneo desabafo aos males de tão indomito captivo.

Mas ai d'aquelle, que fóra d'essa epoca oussasse repetir as notas do canto prohibido, porque a sentença de morte estava já lavrada, e a zagaia do algos não tardava a remir o crime de lesa magestade.

Cantar agora o *Inquidá* era para os vataus podir-lhes tanto como a propria vida, e rojados nas taboas nem se atreviam a bulbuciar uma recusa. Educados no constante receio do tyranno, os mais velhos, que já tinham combatido nas *impis* do oppressor, preferiam morrer a commetter tamanho crime. Em terra a turba dos negros ululava, batia com as zagaia nos escudos, sem perceber a scena a que assistia. Por fim ante as ameaças de romper de novo as hostilidades, um dos *indunas* — o mais novo — disse para os outros, que hesitantes aprovaram o argumento. Pois se queremos estar com os commandantes das *estimellas*, que nos importa o Gungunhana, e porque não havemos de cantar o *Inquidá*?

Então o mais velho ergueu se e bradou para terra á negraria:

— Não fujam porque os portuguezes são amigos. Querem uma prova da nossa lealdade, e nós todos vamos dar essa prova cantando o *Inquidá*.

Ao ouvir a ultima parte do discurso o effeito foi-se por terra, econdiam-se no capim, e em breve toda a horda debandaria, se os brados dos *indunas*, e ás vezes de commando para as *mungos*, que sobre elles apontavam, ali os não tornasse quedos, como fascinados pelos encantos de magicos feitiços.

Fez-se o silencio solemne das grandes occasiões. Então o mais velho dos *indunas* levantou o bastão que trasia, sendo inclido a bordo e em terra por todos os assistentes, depois, abaixando rapidamente a *batuda*, irrompeu nos ares o sibillante signal de que ia começar a canção, que, limitado simultaneamente por mais de quinhentos homens robustos, se assimilhava bem ao soar do vento das tempestades nas encarcias dos navios.

Uma breve pausa se seguiu, depois entoaram os primeiros versos do *Inquidá*, e cantaram tanto até ao fim. A bordo da lancha, pelo animo dos seus nobres tripulantes passava um fremito de entusiasmo, como o vibrar da alma portugueza.

No dia seguinte chegou o *Neces Ferreira*, e o seu commandante foi festivamente recebido por milhares de negros, cantando e dançando nas danças de guerra com tanto rigor e preceito, como se fóra o dia da sua grande festa militar. Estavam findas as operações da guerra naval da esquadriha do Limpopo.

Passados poucos dias uma columna de auxiliares do *Chai Chai* e *Lofó Gaza*, engrossada com gente d'outras regiões, largamente armada e municiada pelas canhoneiras, composta de mais de 7000 guerreiros, grupava-se em volta d'um guinó azul e branco, e batia-se frente a frente com duas mangas de *tr'chepe* do Gungunhana, contribuindo para arruinar o seu prestigio. Das regiões do Limpopo nem um só homem fóra reforçar as hostes dos vataus bellicosos.

Em 7 e 11 de novembro o combate de Coolella, e o incendio de Manjacaze assignalavam duas victorias assombrosas.

Estava a findar o anno de 1865. A 28 de dezembro realisava-se a prisão do rei dos vataus. Em volta do nome de Chamite, como astro de primeira grandeza, condensou-se toda a gloria e o festival triumpho de toda a campanha contra os vataus. Chamite será sempre um nome glorioso, uma corôa resplandecente, um título de honra comprovado do que ainda pode o valor portuguez em nossos dias.

E no rudo moutejar d'aquelle guerra, as palmas de victoria ganhas batalhando cabem sem discrepancia ao exercito e á marinha, que como irmãos cooperaram nobremente, unidos n'um unico pensamento, o de honrar a patria portugueza.

Lisboa, 1901.

JOÃO BEAZ D'OLIVEIRA.



ALFREDO MOTTA E SILVA

ALFREDO MOTTA E SILVA

Um dos homens que na laboriosa cidade da Bahia mais tem contribuido para o prestigio do nome portuguez, honrando a classe commercial que sempre nobilitou pelo trabalho elevado e digno, pela correção do porte e pela nobreza do caracter, e aquelle cujo retrato figura n'esta pagina.

Tem apenas 38 annos, pois nasceu em 1863, no Porto; ainda ha pouco tempo, em 1876, era empregado da casa de que hoje é chefe, e que gira n'aquelle praça sob a firma *Motta Silva & C.*, e em praso tão curto, ninguem conseguiu elevar-se mais na consideração publica, porque tambem não ha quem tenha exercido melhor os cargos de confiança em que o tem investido, nin-



VICTOR CORDON

guem melhor sabe conciliar os serviços publicos com a dignidade pessoal.

Tendo sido presidente do Gabinete Portuguez, da Sociedade de Beneficencia Portugueza, da Commissão Consultiva do Consulado de Portugal e de outras sociedades, é hoje Director da Associação Commercial, e estes cargos e dignidades bastam para se reconhecer que este benemerito filho do Porto occupa todas as horas que lhe deixa livres o movimento da sua casa commercial, em prestar serviços aos seus compatriotas e em servir ao mesmo tempo a terra brasileira, que é sua patria adoptiva.

Registando aqui o nome de Alfredo Motta e Silva cumpre alem de tudo um dever o *Brasil-Portugal* do qual tem sido amigo dedicado e auxiliar valioso este illustre portuguez.



VICTOR CORDON

Mais um portuguez illustre, d'esse pequeno grupo de exploradores africanos que nos ultimos vinte annos tão alto levantou o nome e o prestigio de Portugal em alem mar, com o arrojio das suas travessias aos outros com as corajosas investigações da sua sciencia. Depois de Roberto Ivens, o audacioso e valente companheiro de Capello, socio d'essa firma heroica Capello e Ivens que tão brillantemente affirmou n'uma travessia que é um assombro, o poderio portuguez na Africa, cahiu Serpa Pinto e depois d'este Antonio Maria Cardoso e logo atraz Victor Cordon, capitão de infantaria, o expedicionario do Zambeze e do Zumbo em 1888, de volta ao reino em 1890, exactamente na occasião em que estava acceso o patriotismo nacional a proposito do ultimatum.

Cordon depois do Zumbo foi a Machona pelo Panhame, submettendo á soberania portugueza os povos d'aquelle região.

Modesto e valente como poucos, o illustre official benemerito da patria pela nação e pelos seus representantes, morreu em Mafra, victima de doenças adquiridas em Africa. Não se atravessa impunemente o sertão.

Funeral simples mas imponente elle teve. A beira da sua sepultura no pequenino cemiterio da villa, fallaram tres camaradas seus e o administrador do conselho, em nome do Governo e como representante tambem da Sociedade de Geographia.

ILHA DA MADEIRA

N^o ANNO de 1418, dois cavalleiros da casa do infante D. Henrique, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, offereceram-se para irem explorar a costa occidental da Africa além do Cabo Não. Uma tempestade desviou da costa os dois navegantes, de modo que elles foram aboridar a uma ilha, a que deram o nome de Porto Santo, por n'ella terem encontrado abrigo depois de tão incerta navegação.

Voltando a Portugal e participada a descoberta ao infante, que ficou deslumbrado, ordenou este que de novo segessem para a ilha recentemente descoberta, acompanhados de varios fidalgos, entre elles Bartholomeu Perestrelo, fidalgo da casa de El-Rei, a quem sua magestade fez doação da mesma ilha.

Chegados todos a Porto Santo, Gonçalves Zarco e Tristão Vaz foram descobrir a Madeira, por terem visto um ponto negro no horizonte, o que os fez suspeitar da existencia d'uma terra proxima, e lle deram aquelle nome em consequencia do muito arvoredo que n'ella havia.

Diz-se que eram tão densas as matas, que tendo-lhe pegado o fogo arderam sem cessar durante sete annos.

Ha muitas lendas acerca da historia da ilha da Madeira. Assim,

extremo da ilha, eleva-se a 1:000 metros. Os planaltos occupam largas superficies, sendo a mais notavel o Paul da Serra, perto das nascentes da ribeira da Janella.

As costas são alcantiladas e não offerecem abrigo ás embarcações que demandam os seus portos.

O Funchal, assim chamado, segundo se refere, do muito funcho que ali havia, está situado entre a Ponta da Cruz e o cabo Garajau, n'um valle banhado por uma bahia, em forma de crescente, na costa sul da ilha; e é dominado por elevados montes pelo N; a E, pelos altos do Palheiro do Ferreiro; e a O pelo pico de S. João e terreno das Angustias. Tem uma cortina que a defende, sustentada por fortins, além do Castello de S. João, que fica a noroeste da cidade, sobranceiro a ella e ao porto, e da fortaleza de Nossa Senhora da Conceição que ahi se alticia sobre as aguas do porto do Funchal, feita em 1651.

No porto do Funchal podem os navios ancorar entre 66 e 77 metros, posto que com pouca segurança, tendo muitas vezes de picar as amarras para se fazerem ao largo quando sopra o vento sul.

Ha poucos annos fez-se um porto de abrigo para embarcações de



MADEIRA — Vista geral da cidade do Funchal

conta-se que um par amoroso, Roberto Machim e Anna Artef, tendo fugido de Inglaterra para gosar em paz o seu amor n'um paiz estrangeiro, os ventos caprichosos levaram a sua embarcação a um porto, que depois foi chamado Machico, d'esta ilha deliciosa que um auctor entusiasta declara ter sido descoberta pelo proprio amor.

O que é todavia certo é que a descoberta foi feita por portuguezes em 1419, que da ilha tem estado sempre de posse, excepto um lapso de tempo em que os inglezes se assenhorearam d'ella.

A Madeira é tão conhecida, não só pela visita de numerosos enfermos que a procuram por causa da salubridade proverbial do seu clima, mas tambem pelas excellentes obras que a seu respeito tem publicado viajantes e auctores de reconhecida autoridade, que parece superfluo entreter os nossos leitores com uma minuciosa descripção; mas, como alguns dos que lerem esta modesta noticia não terão tido occasião de ver essas obras, vamos-nos referir a algumas particularidades d'aquella formosissima ilha, da qual se lê no harmonioso Diniz o seguinte:

Filha do oceano,
Do undoso campo flor, gentil Madeira!

Na verdade, nada ha mais pittoresco e magestoso ao mesmo tempo do que o aspecto da Madeira visto da tolda d'um navio.

Por todos os lados veem-se e admiram-se altissimas e fragosas penedias e innumeros rochedos basalticos, como que matisando este selvatico e imponente panorama; e os olhos espraiaem-se, aqui e acolá, em deliciosas chãs, cobertas de vigorosa e luxuriante vegetação!

A Madeira tem 300 kilometros quadrados de superficie; é muito montanhosa. O Pico Ruivo, o ponto mais elevado da ilha, tem 2:000 metros acima do nivel do mar. A serrania, que se estende de um a outro

pequeno lote, ligando o ilheu com a Pontinha, obra que importou em 400 contos. A sua má construção, segundo parece, occasionou umas fendas no molhe, que o inutilisaram. Acha-se, porem, recentemente reconstruido.

A cidade é cortada por tres ribeiras: S. Paulo, Santa Luzia e João Gomes, as quaes, posto que de nenhuma importancia no tempo secco, tomam tal incremento durante o inverno que tem occasionado inundações terriveis, apesar de se lhes haverem opposto muros ou barreiras de pedra, de modo que até, segundo resa a chronica, a celebre igreja de Nossa Senhora do Calhau, a segunda que erigiu Zarco, foi arrancada pela força das aguas para fora do seu local junto do antigo mercado da fruta, no fim da rua de Santa Maria.

Além d'algumas avenidas ultimamente construidas, que dão grande realce á cidade, tem muitas outras ruas e travessas, estreitas e ingremes calçadas de pedrinhas lisas, dispostas regularmente.

As suas praças são bellas e arborizadas á maneira de parques inglezes ou das alamedas hespanholas, sobresahindo o grande jardim em frente do magestoso theatro D. Maria Pia, cujas palmeiras grandiosas e outros specimens da vegetação dos tropicos espalham sombra e frescura durante as horas mais quentes.

A seguir á praça da Constituição, o local do pasmatorio do Funchal, está a Sé. Este templo passou a ser cathedral quando em 1514 foi creada a diocese do Funchal e ainda o é agora e em bom estado de conservação, tendo apenas soffrido algumas deteriorações, especialmente na torre, pelo terremoto que n'esta ilha houve a 31 de marco de 1748; é de tres naves, e de architectura puramente manuelina; os madeiramentos e a obra rica do tecto são de cedro indigena; a torre mede 250 pés d'altura. Além das igrejas parochias de S. Pedro, Santa Luzia e Santa Maria Maior, ha outras de varias



MADEIRA — Lago do jardim Municipal, no Funchal

irmandades como a do Carmo e a de S. João Evangelista, conhecida pelo nome de collegio, fundada pelos jesuitas em 1566. Com quanto o desembarque dos desobridores da ilha fosse no porto de Machico, tudo persuade a que o Funchal fosse o primeiro lugar povoado.

O primeiro templo aqui erigido foi a ermida de S. Sebastião outrora muito venerada. Existiu até que em 1802 o capitão general D. José Manoel da Camara a mandou demolir, ficando um largo ainda hoje chamado de S. Sebastião. Ha no Funchal duas capellas protestantes inglezas e um cemiterio tambem protestante, vistoso e guarnecido de altos e virentes cyrestes, heliotropos, geranios, roseiras e muitas outras flores, plantas e arbustos, mandados cultivar pelos amigos e parentes dos que ali, tão longe da patria, dormem o somno eterno.

E já que falamos de cemiterios, daremos tambem noticia do catholico, que fica proximo do Asylo de Mendicidade. É espacoso, atapetado a flores, todo arreado e com um bello portico de magnifica pedra lavrada.

Em 1834 existiam na Madeira oito conventos, sendo cinco de frades e tres de freiras. Estes eram o chamado das Capuchas, que viviam de esmolas e os dois da ordem de S. Francisco, que eram da Encarnação e Santa Clara, sendo n'este ultimo onde esteve soror Clementina, cuja formosura foi tão celebrada, e onde tambem, dizem, jazem os ossos do fundador Zarco. Annexo ao Hospital da Misericordia ha um recolhimento que serve de residencia a orphãos que dependem d'aquella santa casa.

Existem no Funchal duas instituições de beneficencia, dignas de menção: é o Asylo de Mendicidade e Orphãos fundado em 1847 pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro, governador civil que era então d'este districto e a quem a Madeira tanto deve; e o mais sumptuoso é o Hospicio da Princesa D. Amelia, fundado em 1856-1859 por Sua Magestade a Imperatriz do Brasil e Duquesa de Bragança, em commemoração da sempre lamentada morte de sua joven filha e enferma princesa D. Amelia, estabelecimento para tratamento de enfermidades de doencas de peito. Este estabelecimento que, pelas suas condições hygienicas, caridade, tratamento dos enfermos e educação das creanças, pode rivalisar com o melhor do seu genero,

é um vasto e magnifico edificio de bello gosto architectonico, rodeado de terrenos extensos.

O seu custo foi de cerca de 200 contos, e pertence hoje ao rei da Suecia a cargo de quem está a sua administração. São enfermeiras Irmãs de S. Vicente e ao mesmo tempo instructoras de uma Infancia Desvalida adjunta ao mesmo estabelecimento e que conta perto de 500 creanças de ambos os sexos.

Além dos edificios que já apontamos, ha ainda muitos outros que merecem especial menção, sendo um delles a fortaleza de S. Lourenço á entrada da cidade e que desde o seculo passado é denominado *palacio* por ser a residencia das autoridades militar e civil do archipelago. Possui ricas salas e uma d'ellas serve de galeria dos retratos de todos os governadores que ali tem estado.

A infanta D. Beatriz, como tutora do duque, seu filho, depois rei D. Manuel, determinou por carta de lei de 15 de março de 1477 dar principio ao estabelecimento das alfandegas n'este archipelago, até a reforma feita por D. Manuel, que mandou no anno de 1508 edificar a grande alfandega na cidade do Funchal, que é a que ainda existe; e lá tem indelevel o cunho architectonico da epoca.



MADEIRA — Nossa Senhora do Monte

A cidade possui o theatro D. Maria Pia, edificio elegante observado pela frente e sem belleza alguma visto pelo lado do mar. Foi mandado construir, ha poucos annos, pela camara municipal, que gastou cerca de 100 contos; infelizmente poucas representações dá no anno e para substituir esta falta de divertimentos os funchalenses fazem agradaveis excursões ao campo; *pic-nics* de que muito gostam, e alguns bailes nos clubs, principalmente no Club Funchalense, que costumam ser brilhantes, concorrendo para isso o enebriante cheiro das rosas e jasmims d'este paiz das flores.

Daremos igualmente uma abreviada noticia dos transportes:

Os carros são uma especie de trenós cobertos, puxados por uma junta de bois. Além d'este curioso vehiculo ha a rede, coberta, levada por dois indigenas muito levemente vestidos, e como são ageis e fortes levam a sua carga sem lhe dar muitos balanços, graças a comprida canna de bambú, leve e elastica, com o auxilio da qual levam a rede.

Ha tambem para descer o ingreme caminho, que segue de Nossa Senhora do Monte para a cidade, uns outros trenós que, com uma corda amarrada pela frente e outra atraz, e segura por um rapaz em cada extremidade, parte como a vapor por aquella estrada abaixo em *zig-zags*, não gastando no percurso de 6 kilometros, o tempo de 10 minutos.

Uma das excursões mais commoda e que proporciona ao mesmo



MADEIRA — Uma vilhõa

tempo o prazer de ver o quadro encantador dos montes, quintas e mar, é a igreja da Senhora do Monte a que acima nos referimos. Noutro tempo ia-se a cavallo por aquellos caminhos íngremes e calcados de pedra lisa. Hoje, porém, vai-se com toda a commodidade pelo caminho de ferro de forte rampa, e qual aquelles que se empregam para fazer a ascensão do monte Pilatus proximo do lago dos quatro Catons ou do Vesúvio.

Encontram-se por toda a parte as pittorescas casas de campo, cercadas de lindas quintas ou hortas, vedadas d'um grande numero de arvores fructíferas da Europa, as quaes, juntamente com as arvores e plantas dos tropicos, formam uma bella perspectiva.

A magnifica quinta do Palheiro Ferreiro, que pertenceu ao fallecido conde de Carvalhal e hoje é propriedade do sr. Blandy, fica distante do Funchal uma legua e está situada na freguezia de S. Gonçalo, no espigão da serra a 591 metros acima do nivel do mar; é uma das mais bellas e importantes quintas que se encontram em todo o paiz, toda arreada, e com lindissimos pontos de vista para muitas partes das ilhas.

Alli encontram-se plantas exóticas, arvores e arbustos notaveis, como são a araucaria broselcensis, camelias, loureiros de Portugal, cereus peruvianus, aloes platensis, etc.

As quintas dão uma boa receita á Madeira. Alugam-se por preços assás elevados a estrangeiros, principalmente inglezes, que ali concorrem atraídos pela fama da sua salubridade.

Os hoteis são magníficos, havendo alguns que podem accommodar cem hospedes, mobilados com luxo, bem servidos e offerecendo todas as commodidades, o que é facil de comprehender n'um lugar tão visitado por estrangeiros ricos e doentes. Sobresae, porém, a todos o novo hotel do sr. Reid, verdadeiro castello, situado n'uma plataforma sobranceira ao mar, d'onde se gosa uma vista arrebatadora do porto e da cidade.

Os mercados são espaçosos e abundantes, notando-se muito asseio e boa disposição. No mercado do peixe mal se percebe o cheiro que ordinariamente tem estes estabelecimentos, e encontram-se muitas variedades de peixe.

O Funchal tem uma escola medico-cirurgica equiparada á escola de Goa e á qual portanto está negada a egualdade ás escolas do continente. Alem d'esta ha um lyceu de 1.^a classe e algumas escolas de instrução primaria e secundaria. Tambem tem um excellentes seminario para educação dos que se destinam á vida ecclesiastica.

A industria exerce-se principalmente em assucar, aguardente e cerveja, em chapéus e objectos de palha ou mesmo de canna, em flores artificiaes, quer de pennas, quer de cera, que são perfectissimas, e bordados e rendas de muito apreço.

A industria da mantega tem tomado ultimamente grande desenvolvimento, devido em grande parte ao nosso amigo Adolpho Burnay, que estabeleceu uma fabrica no Jardim da Serra.

Este sitio é um delicioso valle das montanhas do interior, e fica a duas leguas e meia do Funchal, e mereceu aquelle nome pelo vigor assombroso da vegetação que o reveste.

Daremos agora uma abreviada noticia sobre o tão celebre vinho da Madeira, conhecido e apreciado em todo o mundo.

Data da descoberta da ilha a plantação das vinhas mandada fazer pelo infante D. Henrique, importando bacello de Creta e da ilha Candia. Mais tarde fizeram-se plantações de cepa trazida de Chio e de Chypre, e mais recentemente de Borgonha e das margens do Rheno;

introduzindo-se tambem, mas em pequena escala, o bacello do Cabo da Boa Esperança.

A variedade de vinhos é grande: citaremos o *Cercial*, que é um vinho secco e forte, muito encorpado, de optimo sabor e delicadissimo aroma, e chega a ter o maior suco de perfeição depois de 16 annos de adega; a *Malvasia*, a mais antiga qualidade dos vinhos da ilha, pois foi trazida de Candia logo em seguida á descoberta da Madeira; é outro vinho soberbo, e só se encontra nas visinhanças do mar e em pequena quantidade.

O *Boal*, que é um vinho doce, e finalmente o chamado *Tinta*, que é uma especie de Borgonha combinada com Porto superior. Ha ainda outras qualidades mais inferiores.

Ainda que todos os vinhos da Madeira se tem resentido muito com a terrivel doenca dos vinhos — *oidium tuckery* — podemos ter esperança de que a Madeira poderá desenvolver outra vez aquelle seu rico e antigo ramo de commercio.

Mas para isso é preciso a boa vontade dos madeirenses, providencias efficazes quanto ao commercio dos vinhos, construção de estradas centreas, ramificando-se em diferentes pontos com as mais afastadas povoações e substituir os lamentaveis meios de transportes que ali empregam.

A exportação dos vinhos da Madeira, no periodo do seu maior desenvolvimento pode calcular-se em 20.000 pipas, no valor de 6.500 contos de réis.

Uma outra cultura importante é a da canna d'assucar, que o infante D. Henrique em 1125 mandou plantar, tendo importada da Sicilia. A industria do assucar foi uma fonte de grande prosperidade para a Madeira, chegando a existir em toda a ilha 120 ou 150 engenhos, que fabricavam annualmente 600.000 arrobas de assucar.

A doenca da canna, porém, tem aniquilado, quasi por completo, esta cultura, apesar dos madeirenses terem recorrido a uma qualidade mais resistente, e que pode viver em regiões mais elevadas, mas a falta de levadas, e sem irrigações, não permite ao lavrador tirar resultados da sua cultura.

As aguas, embora abundantes na Madeira não podem ser aproveitadas convenientemente por cairem de monte em monte, em imponentes cascatas, sem que sejam feitas levadas e irrigações para seu aproveitamento, sendo esta a constante e antiga aspiração da ilha.

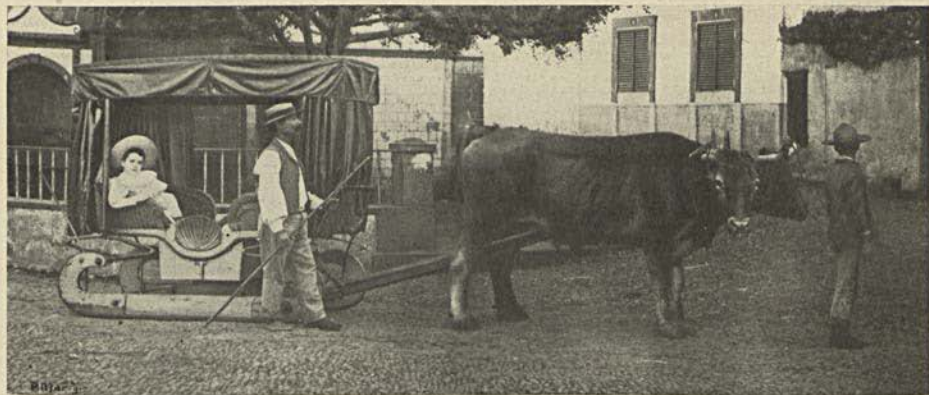
Quanto ás levadas, a unica que abastece parte da ilha é a chamada do — Rabacal — que mereceu ser descripta.

A origem da levada do Rabacal é n'um sitio chamado — Alisco — cerca de mil metros sobre o nivel do mar. As abundantes aguas, que n'este sitio se despenhavam sobre a ribeira da Janella, engrossando em sua corrente com varios afluentes, foram conduzidas por um ducto aberto na rocha, começando assim o canal de irrigação por uma vistosa galeria que percorre, em parte a descoberto, na extensão de cerca de 6 kilometros até entrar n'um tunnel a 100 metros praticada atravez do monte das Estrebarias.

Foi no reinado de Philippe II que primeiramente se concebeu a ideia de converter em utilidade publica esta preciosidade perdida, mas só em 1836 é que se começou a execução d'esta obra, sendo engenheiro o illustre Mousinho d'Albuquerque.

Foram suspensos os trabalhos por diversas vezes, e sendo finalmente concluidos, a levada fornece hoje as desejadas regas ás freguezias de Estreito, Prazeres e Fajan das Ovelhas.

JOSÉ BERNARDINO D'OLIVEIRA.



MADEIRA — Carro de bois

SERRA DA ESTRELLA

Vigésimo anniversario da expedição scientifica

Ao léo munito, que se tem escripto sobre a serra, ao ouvir o que de bocca em bocca anda e n'uma tradição de seculos, sente-se o vivo desejo de partir para o *celo Herminio venerando*, de Braz Garcia de Mascarenhas.

Ansaia nos a febre de se preparar por aquellas encostas, pisando yaregas a cavalleiro de d'espennhadores; de v'ir recortarem-se no azul os picnacos da penedia e de admirar na região alva os cabeceiras do Mondego, Zezere e Alva, a magestade imponente dos Cantaros, a belleza das lagôas, as pitorescas magnificencias da *Campanha Herminia*.

Em agosto de 1881, ha vinte annos perfectos agora, partiu a expedição.

Subindo a encosta de Manteigas iamos caminhando sobre um só plano por arabes e romanos, perfurado de poços e galerias pelos mineiros de outrora, no qual ainda a lenda de Fatima, a vaga reminiscencia da lucta heroica entre duas raças e duas religioes.

Seguimos pela ingreme ladeira das Carvalheiras n'uma vertente quasi a prumo, com 800 metros de altura, dando a esquerda no curso superior do Zezere, que os seculares cortam a cada passo, encaixado em riço grauito e que n'aquelle epoca apresentava o aspecto de charcos successivos, povoados com cardumes de deliciosas truitas.

Aqui e acolá brillam crystales de formalina nos leitões das torrentes, que se encanaram tanto mais, quanto mais descem; subindo, pelo contrario, os cones de dejecto ameaçam pejar todo o valle com as suas bases, cada vez mais amplas.

Chegamos ao primeiro dos taboleiros da serra, ao começo da chada, onde mais tarde se installou um posto meteorologico e a estação telegraphica, o primeiro dos locais designados para sanatorio.

A norte e a rectaguarda deixamos o Corgo das Mós, erguendo-se altissimo para o céo com todo o desenvolvimento da sua crista, na immobillidade de adormido gigante, a Fraga das Penhas, as Penhas Douradas, a planicie estendendo-se a perder de vista.

Já muito antes tinham desapparecido as ultimas arvores, encontrando-se aplainado o terreno, não entrar no plano, mas o ruído vegetal ia sendo successivamente representado por mais pobres especies; porfim vieram o *juniperus nana* (sím bro) e o *nardus stricta* (servim) n'um terreno, em que já se reconhece a natureza do gilo, apresentar o record da vegetação.

Da fauna apenas exemplares rarchilos e mimaculosos, sujeitos á acção depredadora do meio, mas se a arborisada das encostas permitisse o ingresso nos valles no galbanho das invasões, da *lagopeda*, que em grande quantidade vive nas alturas, soaria a ultima hora para o freixo, carvalho e castanheiro, as massas bellas especies florestaes, para os vinhedos do Dão, mattas e pinhais sem fim da Beira.

Se a serra, de passarem ao desceder-se ás lagôas, ou ás innumeras fontes, breve deslere o alteroso vôo. Só no pino de verão os rebanhos da Beira Baixa e do Alemtejo invadim todo o tracto devedor o servim.

Perdida de todo a noção da serra, profundamente arraigada durante a ascensão do ingreme escarpado, sentiamo nos agora em pleno deserto e essa idea, á medida que se accentuava, opprimia-nos, dando ao espirito uma tortura, que nunca tinhamos experimentado ao v'ir lançarem-se para o zenith as molos gigantes, ou ao cavarem-se a nosos pés tenebrosos abismos.

Nem casa, nem arvores, nem essa poeira que envolve as cidades e o sol vem doitar.

Os sons da multidão, que passa e repassa, agitando-se em multiplices manifestações de vida; diversos sempre, sem uma só vez se reproduzirem, impressividades apesar de terrem os nossos ouvidos, não havia alli.

De tantos que se civilisou nenhum documento a attestar a victoria, alcançada pelo homem na sua lucta ingente contra as forças da natureza.

Quando o nevoeiro sobe rapido pelas ladeiras e vem cerrar-se no plano, ou quando desce sob um céo de tormenta á agitado pela furia dos vendavaes, ao viajante surpreendido não se depara o minimo abriço.

Por toda a parte o silencio da necropole lançando nos em profundo recolhimento.

O céo, de azul carregado, faz adensar, mais e mais, dentro de nós as sombras da tristeza.

Quando de noite o serrano, vá para onde fór, dirige por alli os seus passos, invadido sempre um terror supersticioso e segue repetido mentalmente as *palavras sagradas*, p'is, que não se arrecreta de um mau encontro, de lobos, ou de ladrões, sentido-se com arcebispo para todos os commettimentos d'este genero, scilicet extranha perturbação se algum extraordinario ruido o vem despertar, teme os *bramidos das lagôas* e, sobretudo, horrorisa-se ouvindo o grito por aquelles sitios quem não teve o berço embaldado sobre as herminias fragas.

Até onde a vista alcança, para todos os lados, a nudez o silencio, a solidão; extendem-se o mesmo solo, a sua nudez magestosa vem recordar-nos e dar bem a comprehensão do t'cho, no qual Renas affirmo, que o monothismo é pôdia botar do deserto.

Transpostos os Barros Vermelhos, enorme muralha de rochas acastelladas, fomos entrar no Plano da Expedição, alcançando a cota de 1:800 metros, lugar do acampamento de quinze dias.

O terreno, como já caçado de tanto subir, entra a descer, lentamente, a principio, e mais pronunciado declive depois, fórma o colio de uma portella, e, arrendendo-se d'alli a pouco de ter dado á linha de cumida uma tal depressão, ergue-se resolutamente, vence, quasi de

chofro 300 metros de altura, parecendo querer guindar se ao céo paiz, mais perto das estrellas, lhes reñtir o bribo no seu niveo manto.

E' esta a Torre, a *estrella* da serra, levantando o seu plano a 1993 metros de altitude, a maior cota do paiz. A pyramide geodesica vai dar lhe o complemento para 2:000 metros.

Foi lá que, o conde de Hoffmannsegg esteve para perder a vida, preses a ser enquidido por uma enorme *craveasse*.

Mórto descommunal, abandonado em sitio l'eoermo, canto de velha e perdidá epôca, a cujos flancos o sol vai arrancar reflexos de aço, se elle mais sente o desanuar das procellas, arrostado friete e só o cair das rjas invernaes, é tambem o primeiro sobre que as auroras despedem as cores do iris.

Má, decididamente, não é este o ponto que mais asombro nos deve produzir, temos de abandonar o plano, procurando os valles; se chegar lá—grandioso espectáculo!—um territorio immenso de Portugal e de Hespanha, banhado de luz, se nos alçará accoço revolto e julgamos v'ir nas cristas de innumeras montanhas o capello das vagas, que mào impotente fez parar de subito e solidiron.

Perceiramos as cabeceiras do Zezere, o valle da Candieira, t'eo celobre como celebrado, e a primeira impresso recebida não ha vida de homem, por mais lonca, que possa agarrar. Foi este valle, com certeza, que fez dizer a um viajante referindo-se á serra: *que l'on peut sommer acco raison les Alpes da Portugal*, e elle já tinha percorrido os Alpes!

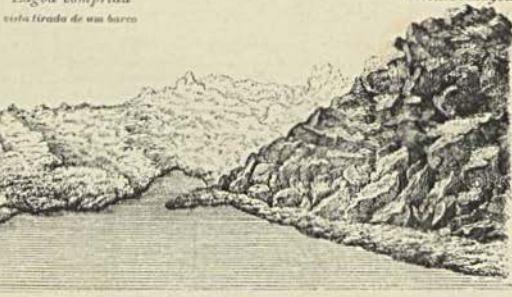
Como ha de a palavra, t'eo pobre, com que podemos architectar phrasas da humana linguagem, dar sequer uma pallida idea da scena de desolção, que se apresenta para v'ir a essa desolção immensa, do que alli nos dá a pedra? E, no meio de tudo isto, os Cantaros (*) erguendo-se, revelando brutalmente na complicada estrutura prodos da historia da terra, que passaram. Depois dos abismos do espaço percorrido, como é grandioso aspecto, o abismo dos tempos, porque não a *caetacion les Alpes da Portugal*, e elle já tinha percorrido os Alpes!

Como ha de a palavra, t'eo pobre, com que podemos architectar phrasas da humana linguagem, dar sequer uma pallida idea da scena de desolção, que se apresenta para v'ir a essa desolção immensa, do que alli nos dá a pedra? E, no meio de tudo isto, os Cantaros (*) erguendo-se, revelando brutalmente na complicada estrutura prodos da historia da terra, que passaram. Depois dos abismos do espaço percorrido, como é grandioso aspecto, o abismo dos tempos, porque não a *caetacion les Alpes da Portugal*, e elle já tinha percorrido os Alpes!

Lagôa comprida
vista tirada de um barrco

Encosta da Lagôa Escureta

Margem direita



das causas actuaes, fó devida a immensidade do esforço, que se nos patestava em t'eo surpreendido panoram!

Quando todo aquelle tracto se agitava nas convulsões da genese, n'um dia—não se sabe qual—enorme massa de diorite—vinda—não se sabe d'onde—rasgou a serra na direcção, E, 30°, N, abrindo profundo canal de paredes a pique e cresceu o granito, mas aquella rocha, menos resistente que esta, foi-se desdusando e desapparecendo. Formou-se assim a Rua dos Mercadores.

Alli, nas *naves*, no Espinhaço do Cão, nos medonos *coivos*, *nas portoz* d'estos—altissimas sentinellas, que lhes marcam os extremos—nas rochas *estradas* da Lagôa Comprida, nas massas tabulares de granito da Torre, o geologo soletira com avides paginas dispersas, de subito interesse, attestando passadas idades do nosso plancto, insusceptivies de serem representadas por seculos, cuja medida a razão nunca dara, e que nos dos delirios da imaginacão pedemos attimir.

O que succede nos valles superiores, formados por serie de covões, accusando desde a simples ravina os diversos periodos de formação, vamos observar em toda a região da Beira Alta, bacica de enorme lago, do qual, róta em Entre Penedos a muralha de quartzito, analoga á do Tejo nas Portas de Rodam, irrompem o Mondego na zona littoral.

Deixemos a pedra, cuja linguagem nos confunde e asserberba, passemos ás lagôas, o idyllio depois do drama. Quer na do *Passo*, ou dos Cantaros, no valle do Zezere; quer na Escura, Comprida, ou Redonda, no valle do Alva, a vista alça-se, espraia-se, e no correr das lendas vamos irresistivelmente descobrir um encanto novo, apesar de ter a sonda desceido só a 14 metros na Escura e a 11 metros na Comprida, as mais profundas de todas.

Mesmo que em poças, muito distantes da actual, em pontos da terra t'eo afastados, como a Estrella e os Karpatos, em recessos bem pouco accessivies do nosso continente, se deu a mesma interpretação erronea aos mesmos phenomenos naturaes? Como ha lendas da serra, bem que diversas, que ouvem de se, espraia-se, e no correr das lendas vamos irresistivelmente descobrir um encanto novo, apesar de ter a sonda desceido só a 14 metros na Escura e a 11 metros na Comprida, as mais profundas de todas.

E' d'alli entramos a pensar nas correntes de emigracão da nossa raça desde um passado remotissimo, e o maravilhoso de novo nos invade o empolço.

Mesmo que se desenvolvesse a acção de *Virgilio tragico*; cantada no grande poema da nossa nacionalidade, a serra, assumpto de muitas descrições de viagem, de largas e eruditas memorias scientificas, bem merece o cognome de *montagne fameuse*, por que extrangeiros, t'eo illustrados como Link, a appellidaram.

L. F. MARRÉDAS FERREIRA.

(*) Do arabe castura — obstaculo, difficuldade.

AS CASCAES

Cascaes, agosto, 1901.



ESCREVE-se uma chronica de Cascaes, como quem pede uma chronica de San-Sebastian, de Luchon, de Ostende ou do Bourbourg!...

Mas o que imaginam voçes que é a vida de Cascaes, visionarios?

Julgam que todas as manhãs apparece na praia alguma mulher nova, estrangeira, vinda não se sabe de onde, com um príncipe, um cão e muitas salas de renda?

... Que atravessam as ruas *four-in-hands* cheios de gente rica, partindo para o campo em *partie de plaisir*?

Que ha um *Casino des Fleurs* onde se dão festas de caridade com actores mandados vir como se mandam vir marças de *colillon*!...

... Que chegam e partem *yachts* de recreio?

... Que partem e chegam nomes europeos, rainhas destronadas, parentes de Rotchild ou *cocottes* com cem contos de renda e rendas de cem libras?...

... Que ha escandalos?...

... Que algum se mata, que algum se arruina, que foge a esposa do X com o marido da Y, ou o marido da A desafia o marido da B?...

Qual historia, amigos, qual historia!...

Cascaes não é d'essas...

Cascaes não tem esses vicijs, e se algum dia se imaginou que ella poderia metter-se em danças de *estação hibernal*, com hotéis illuminados e luz electrica e roletas illuminadas a libras esterlinas, isso teve a vida das rosas de Malherbe, que só duravam uma manhã, o que, aqui para nós, me parece *escôca*, como se diz agora na gíria que está em moda...

Cascaes não é praia de chronica, amigos. É praia de engorda.

As unicas mulheres estrangeiras que apparecem de manhã na praia são nosteras, e essas mesmo já estão traduzidas...

O arista *boulevardeir* que porventura trouxeram de Bordéus — terra das mestras francezas — perdem-o logo, assim que os Soisas, os Alves e os Neves, constituídos em columna de *atradores civis*, desatam a fazer-lhes jogo de olho, esse jogo tão nosso, tão portuguez, com que todo o cidadão nacional que se preza recebe as estrangeiras, desde a Mariette Sully e da Béjane até a Lola al de casa da Pepa e á *madenioielle* que acompanha os pescados do Novas...

E não julguem que em esteja a criticar essa instituição. Não, senhores. Para quem souber pratical-o, o jogo de olho vale bem todas as theorias de Bourget sobre a arte de ser amado...

Ainda ha pouco, ali no passeio Maria Pia, onde á tardinha se fala de tudo, dizia um leão que tem corrido mundo:

Em todas as nações onde tenho estado, o jogo de olho tem *deito sempre!*

E depois explicou:

— Lá fora ha em geral muito mais mulheres do que homens. As mulheres não são *gateds* como cá. Estão acostumadas ao "Pest, ô menina, anda d'ahi!" Ora, assim que lhes apparece um portuguez, a fazer olhinhos tristes, a bejal-as com o olhar, primeiro admiram-se, depois envaidecem...

— E depois?

— Depois... envaidecer uma mulher é todo o caminho andado. O resto vai por si.

E é verdade. Havia um patife de um estudante de Coimbra que tinha o seguinte *truc*: Todas as manhãs ia para debaixo da ponte vir lavar as raparigas, olhando-as com ternura e fazendo incidir para os olhos o fumo de um horrivel charuto que levava...

Escenado será dizer que as lagrimas eram em fio!

A principio as raparigas tinham dó. Depois, vendo-o a olhal-as fixamente, acreditavam em uma d'estas paixões immediatas, pela tracção electrica, em que ainda se acredita na provincia; n'uma palavra, o patife conseguiu, com dois olhos tristes e um charuto de 10 réis, apaixonar as mais lindas tricaninhas do seu tempo!...

Pois em Cascaes o jogo de olho campêia, apesar de ter double-zero como o jogo da roleta...

De manhã, á falta de *toilettes* de banho, arte nova, para admirar, lá está elle, de todo para todo, do todo Pires para o todo *chié*, do todo *chié* para o todo hespanhol, do hespanhol para o diplomatico...

E não se pense que elle tem aqui o mau sentido que lhe dava o *leão* ou o ar especulativo que lhe dava o estudante. Nada! Aqui tem esse ar boa-pessoa, quasi familiar, que se respira em todas as manifestações d'esta agradavel praia... E' um jogo de olho pacato, ás vezes até com umas de esmalto, como é proprio de uma praça cujos banhistas formam como que uma *Familia Cascaes*...

Dizia ha tempos um critico francez que Mr. Paul Dechanel, o actual presidente da Camara dos Deputados, era um homem *tió chié*, que os deputados não deviam mandar para a mesa propoetas de lei. Deviam mandar propoetas de casamento...

Pois com Cascaes dá-se o mesmo. Não é praia para chronicas, a não ser das que começam: "Está justo o casamento da sr.^a Fulana com o sr. Sierano..."

Mas isso é ou não a praia do *high-life*, perguntará o paiz, a praia para onde vai Toda-a-Gente-Conhecida?

E' Mas isso não obsta a que seja tambem a mais sosegada praia da Europa. Tudo aqui tem um ar de familia e exactamente porque toda a gente se conhece, paiz sobre a praia, de manhã, sobre o Baluarte, á tarde, e sobre o *Sporting Club*, á noite, um ambiente de quasi intimidade:

— Então, já ha passado a dor de dentes que tinha hontem á noite?

— Sempre fez o tal *padding* que hontem lhe recetei?

— O que teve hoje para o almoço?

E é como se todos vivessem na mesma casa, sob a direcção do Rei, que

tem, elle proprio, quando aqui está, um ar tão *bon-enfant* que até as Piroas chegam a julgar-o susceptivel de se atirar a ellas; e estorem as amigas:

"Hontem estivemos, nós, as primas Alves, a viscondessa e o rei, na Bocca do Inferno... O rei tem um signalinho no pescoco como o do teu mau Alfredo... Adeus, tenho de ir para o Maria Pia, que já lá deve estar o rei... Vou-lhe bordar um lençinho."

Com as autoridades succede o mesmo.

O administrador do concelho, que é um excellent rapaz, parece o primeiro filho da gente, porque toda a gente o abraça e lhe pede coizas; e o presidente da Camara, quando passa pelas ruas, não é raro ouvir alguma menina pedindo-lhe para mandarregar a rua, ou para dar mais luz aos candieiros da illuminação, coizas que em qualquer outra parte só se pedem em papel sellado e com o E. R. M.!

De manhã, na praia, todos sabem o numero de banhos uns dos outros, e quando não apparece algum parente, marea-se-lhe falta para ver se no fim da epocha pode ir a exame...

Até os proprios trenos para a revista de todos os annos teem um tom absolutamente contrario a tudo o que parece lueta. Os fannos inimigos e inimigas tremam-se em commun e páram quando os outros se atrazam nas licoções...

Ao meio dia os grupos desfazem-se. As conversas cortam-se sem esforço:

— Mas o meu creado...

Para continuarem á tarde no Baluarte:

—... que é um rapaz esperto...

E terminarem á noite, no Club:

—... comprou no mercado duas perdizes por seis tostões.

Do meio dia ás 5 Cascaes dorme entregue aos indigenas.

A's 5 Toda-a-Gente vai jogar ou vir jogar o *tennis* para o *Sporting Club*, que é conhecido pela *Parada*, como as pessoas de familia pelos *dinheiros*.

Nos recintos da *Parada* reúne-se a mesma sociedade, vestida de outro modo, que se reuniu na praia, e ahi continua, entre os gritos de *bólo!*... *Trinta, quinze!*... *Tudo!*... *Vantagem de cá!*... etc. dos jogadores, a vida alegre, despreocupada e simples, da familia Cascaes.

E' muito pittoresca essa cêrca do club, toda recortada de pitipósros, onde, nas tardes bonitas, ficam muito bem os *vestons* brancos e as *raquetes* dos jogadores. Chegaria a ter-se a sensação de se estar assistindo a uma das festas do *Puto*, no bosque de Bolonha, se não se ouvissem as conversações, feitas no mesmo tom simples da manhã:

Chegou hoje a Laura... Não sabem com quem vai casar o Jorge? — Oh, estas creadas de servir! — Lá em casa não se pôde com mosquitos! — Onde se vende pó de arroz muito bom é na rua Augusta...

A's 6 Toda-a-Gente, a que vem da *Parada* e a que foi á Bocca do Inferno, encontra-se na muralha que vai do Baluarte ao passeio Maria Pia.

Ahi se diante da mais linda praia de Deus recortou, a familia Cascaes toma o *vermouth* de um pouquinho de má lingua, a meia voz, e abre o appetite para o jantar.

A's 7 destroça, justa, veste-se e volta para a *Parada*, mas d'ata vez lá para dentro, para o salão de baile, onde ás vezes, em noites de grande animação, chegam a arranjar-se seis pares de valistas...

Assim se passa o verhão, aqui e acolá alegrado por uma regata, uma tourada, um *pic-nic*, um torneio de *tennis* ou um exercicio de salvavidas, em que, no meio das gargalhadas de toda a familia, indigenas, socios da *phylarmonica*, se prestam amavelmente a ser salvos n'uma engenhoeca de vae-vem, que ainda não servia na pratica, felizmente para os naufragos de ambos os sexos.

Mas então essa praia elegante, essa invejada praia, é uma grande sensaboria, dirá o paiz!

Engano, engano! Cascaes é assim, deve ser assim. Este é o seu modo de ser e com elle se dão todos mais ou menos.

Não se sabe por que poder succedive, os banhistas que para cá veem e entram no seio da familia Cascaes já de cá não sahem mais. Venham de onde vieren, tenham as idéas politicas que tiverem, pertençam a que paiz pertencereem, em cá chegando, em começando a tomar parte na grande conversação d'esta familia, tornam-se logo cascaezes vitalicosos, inimigos dos Estorios, defensores do sr. Costa Pinto, freguezes do *la prietore*, e monarcas do *tennis* ou um exercicio de salvavidas, em que, no meio das gargalhadas de toda a familia, indigenas, socios da *phylarmonica*, se prestam amavelmente a ser salvos n'uma engenhoeca de vae-vem, que ainda não servia na pratica, felizmente para os naufragos de ambos os sexos.

Mas então essa praia elegante, essa invejada praia, é uma grande sensaboria, dirá o paiz!

Engano, engano! Cascaes é assim, deve ser assim. Este é o seu modo de ser e com elle se dão todos mais ou menos.

Não se sabe por que poder succedive, os banhistas que para cá veem e entram no seio da familia Cascaes já de cá não sahem mais. Venham de onde vieren, tenham as idéas politicas que tiverem, pertençam a que paiz pertencereem, em cá chegando, em começando a tomar parte na grande conversação d'esta familia, tornam-se logo cascaezes vitalicosos, inimigos dos Estorios, defensores do sr. Costa Pinto, freguezes do *la prietore*, e monarcas do *tennis* ou um exercicio de salvavidas, em que, no meio das gargalhadas de toda a familia, indigenas, socios da *phylarmonica*, se prestam amavelmente a ser salvos n'uma engenhoeca de vae-vem, que ainda não servia na pratica, felizmente para os naufragos de ambos os sexos.

Mas então essa praia elegante, essa invejada praia, é uma grande sensaboria, dirá o paiz!

Engano, engano! Cascaes é assim, deve ser assim. Este é o seu modo de ser e com elle se dão todos mais ou menos.

Não se sabe por que poder succedive, os banhistas que para cá veem e entram no seio da familia Cascaes já de cá não sahem mais. Venham de onde vieren, tenham as idéas politicas que tiverem, pertençam a que paiz pertencereem, em cá chegando, em começando a tomar parte na grande conversação d'esta familia, tornam-se logo cascaezes vitalicosos, inimigos dos Estorios, defensores do sr. Costa Pinto, freguezes do *la prietore*, e monarcas do *tennis* ou um exercicio de salvavidas, em que, no meio das gargalhadas de toda a familia, indigenas, socios da *phylarmonica*, se prestam amavelmente a ser salvos n'uma engenhoeca de vae-vem, que ainda não servia na pratica, felizmente para os naufragos de ambos os sexos.

Mas então essa praia elegante, essa invejada praia, é uma grande sensaboria, dirá o paiz!

Engano, engano! Cascaes é assim, deve ser assim. Este é o seu modo de ser e com elle se dão todos mais ou menos.

Não se sabe por que poder succedive, os banhistas que para cá veem e entram no seio da familia Cascaes já de cá não sahem mais. Venham de onde vieren, tenham as idéas politicas que tiverem, pertençam a que paiz pertencereem, em cá chegando, em começando a tomar parte na grande conversação d'esta familia, tornam-se logo cascaezes vitalicosos, inimigos dos Estorios, defensores do sr. Costa Pinto, freguezes do *la prietore*, e monarcas do *tennis* ou um exercicio de salvavidas, em que, no meio das gargalhadas de toda a familia, indigenas, socios da *phylarmonica*, se prestam amavelmente a ser salvos n'uma engenhoeca de vae-vem, que ainda não servia na pratica, felizmente para os naufragos de ambos os sexos.

Mas então essa praia elegante, essa invejada praia, é uma grande sensaboria, dirá o paiz!

ANTONIO BANDEIRA.

MODAS

Vestido de passeio

Fig. 1



Fig. 1

apenas por um laço de velludo preto no peito. A manga é curta, feita de vizes sobrepostos e cae sobre uma manga estufada em renda rematada por um punho.

Chapeu em palha de phantasia guarnecido de velludo preto.

Vestido para Casino

Fig. 2

Nada mais vaporoso do que este vestido em crepe da China alvado (aluminum) esta linda cor de reflexos prateados. Na saia cortada em forma, dois altos folhos encabeçados por uma renda de *guipure* filigranada de prata.

No corpo um meio colete em seda preta bordado a prata com pontas muito altas no pescoço, um dos característicos da moda, que se está empregando muito. Depois, um grande cabeção em crepe da China guarnecido tambem com a mesma *guipure* que se vê na saia. Largas pontas de *chifou* preto partem do cabeção, formam tres laços e caem naturalmente ao longo da saia, guarnecidas em baixo com a mesma *guipure*.

A manga justa termina por um tufo em gaze branca e um virado em *guipure* enfeitado na extremidade por um pequeno folho pelissado na mesma gaze.

Não pode realmente imaginar-se nada de mais vaporoso e de mais bem combinado em todos os seus detalhes, do que esta deliciosa *toilette* que tanto pode servir para Casino como para uma elegante estação de aguas.

O chapeu em palha de Italia, de aspecto velho, é apenas guarnecido com laços de velludo preto à Luiz XV; na aba, tem tambem um rebordo do mesmo velludo.



Fig. 4



Fig. 2

E adivinhem agora qual é o verdadeiro *chic* d'este chapeu!... O *chic* é... parecer velho.

Vestido para jantar

Fig. 3

Em *tulle* de *Chantilly*, incrustado de medalhões de *guipure* sobre um fundo verde transparente.

Tanto atraz como adiante esta bella *toilette* tem a forma Imperio e é montada sobre um espelho feito de entremeios de *jais* sobre um fundo de *guipure* creme. Um bolero tambem de *guipure* ajusta as costas e os lados do corpo. Manga até ao cotovello em *guipure*, ornada de uma fita de velludo preto cercando o braço e rematando com um laço. No alto da manga tufo de *tulle* *Chantilly*. Gola alta em renda, laço de velludo no peito e dois folhos em *tulle* pelissado guarnecendo a borda da saia.

Elegante chapeu em palha amarella com plumas verdes.

Vestido para campo ou praia

Fig. 4

Em linho azul pallido. Saia justa, tendo apenas uma costura enviezada atraz e pequenas pregas a dar-lhe forma. A extremidade da saia é cortada em dentes guarnecidos de um estreito galão, e assenta sobre um folho alto, ligeiramente em forma.

Corpo justo no mesmo tecido, cortado em dentes, guarnecidos do mesmo galão. Estes dentes assentam sobre um alto espelho todo ás pregas, como a gravura representa. Gola alta lisa e manga direita tambem denticulada.

Chapeu redondo em palha, enfeitado a gaze e um molho de rosas sobre os cabelos.



A imaginação é a grande reparadora, a consoladora suprema das vicissitudes, das misérias, das desigualdades da vida humana.

ANTONIO GERARD.

E preciso que a mulher que despreza um artista saiba que vota a sua vida ao sacrificio.

MEISSNER.

O meio é uma reacção despertada pelos mesmos objectos que despertam a ferocidade.

DARWIN.

O cão é um candidato á humanidade.

MICHELET.

Tudo se ha-de aperfeicoar menos a felicidade.

NAPOLEÃO.

As grandes almas são muito simples para serem modestas.



Fig. 3

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e caps.: Companhia Nacional Editora
Largo do Góndi Barão, 30

Páginas supplementares: Os.ºº Excelsio Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 a 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayma Viktor, Louçã Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	5\$000	Anno.....	7\$400
Numero avulso.....	2\$000	6 meses.....	25\$000	6 meses.....	42\$000
		3 mezes.....	15\$500	Numero avulso.....	\$400
		Numero avulso.....	\$300		

SUMMARY

Antonio Ennes.

Os funeraes de Antonio Ennes.

Política Internacional—CONSILIER PEDROSO.

Os magnanimos—MOURA GYRÃO—SANTOS TAVARES.

Elegancias e mundanidades—PINTO DE CARVALHO

(Trop).

Palmas da minha Biblia—MARIO DE ARTAGÃO.

A raça negra.

Chronicas de marinha—Lancha «Capello»—

JOAO BRAZ DE OLIVEIRA.

Alfredo Motta e Silva.

Victor Gordon.

Ilha da Madeira—JOSÉ BERNARDINO DE OLIVEIRA.

A serra da Estrella—20.º anniversario da expedição

cientifica—L. F. MARREAS FERREIRA.

De Cascaes—ANTONIO BANDEIRA.

Figurinos.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.

Capas para o «Brasil-Portugal».

Cartaz da Quinzena.

Vinhos do Porto.

Bibliographia.

O NOSSO JORNAL.—(A quinzena noticiosa).

O CEGO—Romance de PEREZ GALDÓS.

332 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Paço de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfândega, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARAÍBA—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua João Alfredo, 50.

MANAOS—Jayme de Camara—Livraria Classica—Rua Guilherme Moreira.

MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.º

CEARA—Salles Torres & C.º

BÁHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 25.

PELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.

MOÇAMBIQUES—Joaquim Viozeira de Assumpção.

QUEILIMANE—Henrique Jorge de P. Neves.

HENGUELLA—Matheus & Tavares.

LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.

BOLAMA (Guiné)—Gesar A. Gouveia da Silva Homem, Tesoureiro geral da Provincia.

No India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luso

Francesa—Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 20.

EVORA.—Agente geral em Evora e no Sul Luiza Freire Correia, Rua da Ladeira, 18.

BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA—Gama, Amara & Com.º

COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.º

CASTELLO BRANCO—Pedro Augusto Passos.

BRANCO VES—Antonio Augusto Salgueiro.

ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.

A COBAÇA—José Narciso da Costa.

PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde.

LEIRIA—Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.

VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingos.

CORCHOE—José Pereira Cabral.

TAVIRA—José Maria dos Santos.

FARO—Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 1400 réis cada volume.

No Brasil custa cada capa réis 5\$000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

Cartaz da Quinzena

S. Carlos—O elenco completo da companhia lyrica no proximo inverno é o seguinte:

Maestros: Luiz Mancinelli, Ettore Perosio, Marco Foá e Beniamino Lombardi; primeiras damas: Regina Paccini, Gemma Bellincioni, Emma Carelli, Adele Sthele, Theba Strakosch, Maria Corti, Clod Marchesini, Maria Grassó, Adalgisa Minotti, Clorinda Pini Corsi e Maria Belloni; primeiros tenores: Alexandre Bonci, Giuseppe Borgatti, Edmond Clement, Giuseppe Anselmi, Edoardo Garbin e Giovanni Zazattolo; primeiros barytonos: Giuseppe Kaschmann, Delhin Menotti, Antonio Pini Corsi e Vicenzo Ardito; primeiros baixos: Orestes Luppi, Edoardo Ciccolini; segundo tenor: Primo Manin; segundo barytono: R. Francalancia; segundo baixo: Umberto Maenez; baixo caricato: Frederico Carbonetti; primeira ballarina: Alice Stocchetti.

O tenor Bonci cantará provavelmente em recitas de assignatura extraordinaria os *Puritano*, *Elvir d'amor*, com Regina Paccini, e o *Mephistopholes*, com Emma Carelli.

Trindade—A companhia portugueza representará uma nova peça de costumes populares, do sr. Sá de Albergaria, do Porto, actor do *Brasileiro Pancrezio*, e inaugura a epocha com a reprise do *Bico de Papagaio* a 1 de setembro.

Avenida—Completa hoje 30 representações a magica *O cabo da capoeira*, que continuará sendo a peça da epocha. Graciosa como uma *toilette* de verão, ligeira como um sorvete de laranja, apparatusa como toda a magica que se presa, cheia de surpresas, de machinismos estonteadores, de musica desopilante, de fatos que dão na vista, ella lá vae seu caminho, remoçada e alegre, sem se querer recordar dos antigos tempos das Variedades. É que na verdade o *Cabo da capoeira* hoje já não é o mesmo que era d'antes. Ha trinta annos a capoeira era de barro, apesar de durar muito; hoje é de louça zinecada, dura ainda mais.

Para terça feira, 20, projectam-se novidades varias, e com rasso, porque é a noite marcada

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

para a festa de Salvador Marques, a cuja intelligencia e actividade se deve parte do exito da magica.

Infante — Está em ferias a sua pequenina companhia, para a qual dois primorosos escriptores estão a escrever, em prosa e verso. Esses escriptores são o conde de Arnoso e Alberto de Oliveira; o *Mysterio* é extrahido do conhecido e lindo conto *O suave milagre*, de Eça de Queiroz.

Entretanto o seu publico infantil vê-se delectando com uma companhia de marionettes brilhantemente preparada...

VINHOS DO PORTO

Entre muitas casas, aliás respeitáveis, exportadoras de vinhos do Porto, figura vantajosamente a d'aquella cidade, pertencendo ao sr. João Eduardo dos Santos Junior, successor de o sr. João Eduardo dos Santos.

Em 1845 estabeleceu este em Villa Nova de Goya os seus armazens, e desde logo se empenhou no vivo desejo de acreditar as suas marcas no paiz e no estrangeiro, apresentando sempre os mais generosos vinhos do Porto. Como era natural, a honradez do velho negociante foi justamente julgada, e em todos os principaes mercados da Europa, America e Africa onde se tornaram conhecidas as suas marcas foram sempre apreciadas e preferidas.

Segundo o exemplo de seu venerando pae, o sr. João Eduardo dos Santos Junior continua apresentando os vinhos dos antigos tipos da casa, acrescentando novas marcas. E' grande a exportação d'estes vinhos que se recommendam pela sua pureza e invariabilidade de typos, o que só podem garantir as casas antigas e que possuem marcas das mais afamadas colheitas, não sendo portanto para admirar as recompensas que alcançou nas exposições de Londres 1862, Porto 1865 e Paris 1867 e 1878. Esta considerada casa exporta os seus preciosos vinhos do Porto desde a sua fundação em 1845 para o norte da Europa, desde 1833 para o Brasil, desde 1868 para o Rio da Prata, desde 1871 para o Pacifico e finalmente para a Italia, Oriente e Africa desde 1877. Nas principaes praças e nomeadamente nas dos differentes Estados do Brasil encontram-se as excellentes marcas d' vinhos velhos do Porto de João Eduardo dos Santos, podendo assegurar-se que em todas as casas de primeira ordem as suas marcas estão conquistando um accentuado predomínio. E nada mais justo, pois que o sr. João Eduardo dos Santos Junior está á frente da sua casa trabalhando dedicadamente para manter as honrosas tradições herdadas e que tanta sympathia lhe tem creado nos mercados do paiz e do estrangeiro. Recommendamos aos nossos leitores que tenham sempre na maxima consideração os avisos que se publicam na nossa secção de annuncios para se acautelarem da desleal concorrência aos seus productos.

BIBLIOGRAPHIA

Guia Policial — Traz-nos mão amiga este precioso livrinho, publicado no Brasil pelo illustre desembargador e advogado, sr. dr. José Cardoso da Cunha.

Destinado ás autoridades policiaes por comprehender tudo quanto concerne ao inquerito policial, attribuições, tabellas para fianças provisionaes, modelos para petições e passaportes, etc.; o *Guia Policial* é livro de muita utilidade tambem para as proprias autoridades judicias, para os promotores publicos, advogados, porteiros dos corpos de delicto e até para o publico, principalmente para aquella parte que vai já adquirindo a comprehensão nitida de tudo quanto possa affectar o nos seus direitos e nos seus destinos perante a sociedade em que vive.

No Brasil teve o livro do notavel desembargador sr. Cardoso da Cunha uma recepção muito festiva, principalmente por parte de alguns chieles de segurança publica, que, dominados pelo mais lucido criterio, o recommendaram, oficialmente, ás autoridades suas subordinadas.

A proposito d'este precioso livro, lê-se no nosso collega *Jornal de Noticias*, da Bahia:

«Do sr. desembargador José Cardoso da Cunha, nosso distincto conterraneo, recebemos um exemplar da sua *Guia Policial*.

Não é um trabalho novo, pois trata-se de reedição, agora correcta e augmentada, d'esse trabalho do habil e laborioso juriconsulto, que, assim, presta mais um serviço relevante ás letras juridicas e á administração publica, particularmente aos que tem sobre seus hombros a pesada tarefa dos cargos policiaes, em cujo exercicio poderão encontrar sadio e insuspeito auxilio na obra justamente bem reputada do illustrado e pratico advogado, a quem manifestamos o nosso sincero reconhecimento.»

O deposito geral do livro é na rua do Conselheiro Dantas, 22, na Bahia.

Ao sr. dr. Cardoso da Cunha, que tanto se tem distinguindo nas letras juridicas por seus livros e artigos, enviamos sinceros applausos e o nosso agradecimento pela sua offerta.

ANEDOTAS

Um sujeito encont a um amigo com um magifico melão debaixo do braço.

— Que bello melão!

— É para minha sogra.

— Já vejo que a enches de cuidados e attentões.

— Pelo contrario. O melão a minha sogra faz-lhe sempre muito mal; por isso é que o levo para ella.

N'uma quinta:

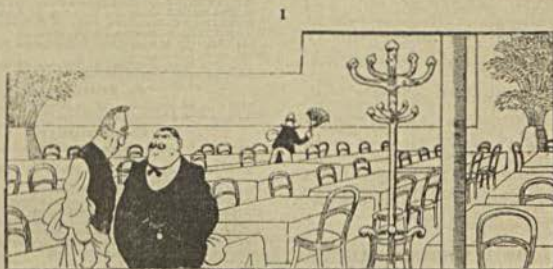
— Que arvore é aquella?

— Uma noqueira.

— Uma noqueira! Muitas nozes me havia de dar, se ella fosse minha!

— Porque razão?

— Porque *dá Deus nozes a quem não tem dentes!*



— Logo de manhã rega todos esses vasos de flores, que ahí estão.



— Toca a regar.



Resultado da rega: Espanto do creado!

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

A reforma eleitoral

Publicou o governo em diktatoria a nova reforma eleitoral pela qual se farão já as primeiras eleições geraes para deputados. Essa lei, preparada, segundo se diz, para matar pela raiz o novo grupo dissidente dos regeneradores, tem o emtanto principios liberais de incontestavel valia e é o que lhe vale, porque, enfim, as censuras que se levantaram contra ella hão-de fatalmente se barrar com o que de bom e de util ella contém. Os recenseamentos passarão a ser organisados pelos secretarios das camaras, e os presidentes das assembleas electorales são nomeados pelas commissões districtaes quando se tratar de eleições para deputados e para vereadores entre os individuos que tiverem exercido esse cargo, nos tres annos antecedentes.

A divisão dos circulos é a seguinte:

Reino

- 1 — Vianna do Castello, dd 6 deputados: pela maioria 5 e pela minoria 1.
- 2 — Braga, 8, 6, 2.
- 3 — Villa Real, 7, 5, 2.
- 4 — Bragança, 5, 4, 1.
- 5 — Porto (circulo oriental) que comprehende 1.º Bairro do Porto, Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Louzada, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paços e Penafiel, 7, 5, 2.
- 6 — Porto (circulo occidental) comprehendendo 2.º Bairro do Porto, Bouças, Maia, Povoas de Varzim, Santo Thyrso, Vallongo, Villa do Conde e Villa Nova de Gaya, 7, 5, 2.
- 7 — Aveiro, 7, 5, 2.
- 8 — Coimbra, constituido por Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemor-o-Velho, Penella e Soure, 6, 5, 1.
- 9 — Arganil, composto de Arganil, Goes, Louzã, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Pamplhosa, Penacova, Pólares e Tábua, 3, 2, 1.
- 10 — Vizeu, composto de Carregal do Sal, Mangualde, Mortagua, Neilas, Oliveira de Frades, Penvalva do Castello, Santa Comba Dão, S. Pedro do Sul, Tondella, Vizeu e Vouzella, 7, 5, 2.
- 11 — Lamego, composto de Armamar, Castro Daire, Lamego, Moimenta da Beira, Penedono, Rezende, S. João da Pesqueira, Sattam, Semançelhe, Sinfães, Tabaçoá, Tarouca e Villa Nova de Paiva, 7, 5, 2.
- 12 — Guarda, 6, 5, 1.
- 13 — Castello Branco, 6, 5, 1.
- 14 — Leiria, 6, 5, 1.
- 15 — Lisboa (circulo oriental) que comprehendendo 1.º e 2.º bairros de Lisboa, Alquemur, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Loures e Villa Franca de Xira, 7, 5, 2.
- 16 — Lisboa (circulos occidental) comprehendendo 3.º e 4.º bairros de Lisboa, Cascaes, Cintra, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras, 7, 5, 2.
- 17 — Setúbal, constituido por Alcaide do Sal, Alcochete, Aldegallega, Almada, Barreiro, Cezimbra, Grandola, Moita, S. Thiago do Cacem, Seixal e Setúbal, 6, 5, 1.
- 18 — Santarem, 6, 5, 1.
- 19 — Portalegre, 5, 4, 1.
- 20 — Evora, 5, 4, 1.
- 21 — Beja, 6, 5, 1.
- 22 — Faro, 6, 5, 1.

Illhas

- 23 — Funchal, 4, 3, 1.
- 24 — Ponta Delgada, 4, 3, 1.
- 25 — Angra do Heroismo, 3, 2, 1.
- 26 — Horta, 3, 2, 1.

Ultramar

- 27 — S. Thiago de Cabo Verde, provincia de Cabo Verde e districto da Guiné, 1, 1.
- 28 — S. Thomé, provincia de S. Thomé e Príncipe, 1, 1.
- 29 — Angola, provincia de Angola, 1, 1.
- 30 — Moçambique, provincia de Moçambique, 1, 1.
- 31 — Margão, Ilhas de Gôa, Salsete, Pondá, Quempem, Sanguem, Cançona e Angevida, 1, 1.

32 — Mapuçá, Bardez, Pernem, Sanquelim, Damão, Praganã e Diu, 1, 1.

33 — Macau, provincia de Macau e districto de Timor, 1, 1.

Autonomia da Madeira

A organisação administrativa que deu a autonomia aos Açores foi applicada pelo Governo à ilha da Madeira, com varias modificações.

A junta geral do districto fica com o encargo durante 6 annos de contribuir annualmente com 20 contos para a conclusão das levadas do Estado n'aquella ilha, cujas receitas passam para a junta até integral reembolso d'essas annuidades.

Municípios de Lisboa e Porto

Vão soffrer nova reforma. Em Lisboa, o serviço de incendios passa para o Governó Civil, fixando-se em 20 contos a quantia com que as companhias e agencias seguradoras tem de contribuir para esse serviço.

O numero de talhoes vai ser limitado, reformar-se-hão os quadros do pessoal de todo o serviço, proceder-se-ha a um plano de melhoramentos da capital, e reduzir-se-ha a 11 o numero de vereadores.

Ao municipio do Porto applicar-se-ha a base terceira, referente á redução do pessoal.

Os emigrados boers

De Peniche fugiram os boers Gompels e Joux, que tinham sido internados em Lourenço Marques, apoz o combate de Komati-Port. Os dois moços militares foram para Madrid, d'onde passaram á fronteira franceza. Tencionam embarcar para o Transvaal.

De Alcaçova evadiu-se tambem o boer Werber, americano.

A Inglaterra e Portugal

Para o Natal, afim de assistir ás festas que a colonia projecta em honra dos Duques de York, em viagem para a Australia, partiu, a convite do governador-geral, o general Corliss, governador geral de Moçambique, ás ordens de quem o governo inglez pôz o seu consul geral em Lourenço Marques.

VARIAS NOTICIAS

Regressou o Brasil o ex-capitão Leitão, que tão importante parte tomou na revolta do Porto, de 1861. Seguiu para o Norte.

Entrou ante-hontem no Tejo o coraçoado russo Imperador Alexandre II, commandado pelo capitão de mar e guerra M. Bronski, que veio a terra fazer os cumprimentos do estylo, os quaes lhe foram retribuidos á tarde a bordo.

Tem havido uma questão entre alguns fazendeiros e a Companhia dos Mercados, queos que tem motivado a abstenção de varios horticultores em virem á Praça da Figueira vender os productos. A hortella, por esse motivo, tem subido de preço n'estes ultimos dias.

Está prestes a apparecer um novo livro de versos de D. João da Camara, intitulado *A Cidade*.

El-Rei recebeu ante-hontem em audiência solenne o novo ministro dos Estados-Unidos, M. Francis Loomis, que no dia seguinte partiu para o estrangeiro, d'onde seguirá para o seu paiz, em gozo de licença, substituindo-o durante a sua ausencia o secretario da legação, M. Thieriot.

Breve se porá em arrematção a construcção de um lanço da nova linha ferrea de Benguella a Catumbella, cujos trabalhos de gabinete estão já muito adiantados. Esse lanço é o que vai de Benguella ao Lobito.

O Dr. J. de Albuquerque de f.º progressista, indo dirigi-lo, em outubro, o antigo Ministro da Justiça, conselheiro José de Alpoim. Dos quatro proprietarios do jornal depois da sua reaparição ultima, dois ficaram, os srs. dr. Horta e Costa e Moreira de Almeida, e dois abandonaram o jornal, os srs. Julio Petra Vianna, vereador, e Hyppacio de Brion, capitão de fragata.

Abriu hontem a caça. O termo do defezo foi saudado pelos amadores, que estavam ansiosos por esse dia. Organizaram-se caçadas grandes, e não houve afflicção que ficassem em casa. O tempo prestou-se. El-Rei e o Principe Real foram inaugurar a caça para as suas propriedades do Vidalga.

Como supostos auctores do crime do Barreiro de ha 11 mezes foram agora presos n'aquella villa, e já enviados para Lisboa, João Baptista Firmiro e seu cunhado Antonio Marques Pança, marítimos e commerciantes, e este ultimo tambem carpinteiro de machado.

Tendo-se verificado que os dois velhinhos assassinados o foram á machadada, vai-se agora verificar se a mão do Pança ajusta no signal a qual se ficára em uma das roupões de um dos assassinados.

Os dois presos ficaram incommunicaveis para perguntas. No acto da prisão barulharam, gritaram e attribuiram-se a vingança de imaginarios inimigos, amesacando-os.

A divisão Naval que vai fazer exercicios larga do Tejo no dia 19. Vão a bordo os aspirantes de marinha, alumnos do 3.º anno da Escola Naval. O Rei e o Ministro da Marinha assistem aos exercicios, que serão feitos nas costas de Portugal.

Pelo vapor *Tijuar* enviou o Credit Franco-Portuguez uma caixa com dois contos em notas do Banco de Portugal, com destino a Santos.

Casou o dr. Augusto Batalha com sua prima D. Maria Luiza Malheiros, partindo em seguida para o Porto.

A policia assaltou uma botata na casa 27 do Campo de Santa Clara, apprehendendo 28790 réis em dinheiro, dois dados, um pequeno copo de madeira e quatro pontos que haviam tugiado para um quintal.

Esteve dois dias em Lisboa o alcaide de Madrid, D. Alberto Aguilera y Velasco, que visitou o edificio dos Paços do Concelho, as villas de Cintra e de Cascaes, e varios monumentos. Acompanhou-o um engenheiro, filho do Ministro de Estado actual, o sr. Moret. Vieram em viagem de observação e de estudo a Lisboa e Porto.

Casaram civilmente José da Cruz Maia com D. Fortunata Lourença e Avelino Martins com D. Conceição de Jesus Fernandes.

A espada de honra que os commerciantes da Guiné vão offerecer ao governador, o 1.º tenente Justice Bieker, é feita na ourivesaria da rua do Ouro, antiga casa Viuva Soares & Filho.

Lino d'Assumpção vai escrever um livro intitulado *A vida de Antonio Nunes*.

Está justo o casamento do illustre secretario d' esta Revista, o sr. Alvaro Pinheiro Chagas, filho do grande escritor da popular *Historia de Portugal*, com a sr.ª D. Maria Theza Serzezello Pressler, filha do fallecido negociante allemão, o sr. Bodo Pressler.

A Rainha D. Maria Pia e o Infante D. Alfonso só regressam do estrangeiro no fim do mez.

O sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto, que ultimamente foi a Londres assistindo a uma fallada partida de tennis, concebeu na capital de Inglaterra a idéa de convidar alli uns cinco ou seis dos melhores jogadores e jogadoras de *lawn-tennis*, para este anno tomarem parte n'um d'estes grandes torneos em Cascaes.

Por occasião da sua vinda a Lisboa projecta o estimavel *sportman* offerecer aos seus convidados varias diversões em Cascaes.

Na egreja de S. Luiz, ás Portas de Santo Antão, casou o sr. João de Carvalho Daun e Lorena, filho dos srs. Marquezes de Pombal, com a sr.ª D. Maria José de Almeida Napolés de Carvalho, gentilissima filha da sr.ª D. Maria da Madre Deus de Napolés de Carvalho e do fallecido engenheiro João Anastasio de Carvalho. Foram madrinhas as sr.ªs Marquiza de Fontes e D. Lidovina Pinto Coelho e padrinhos os srs. Marquez de Pombal e Luiz de Carvalho Daun e Lorena.

Na cerimonia religiosa foi celebrante o sr. bispo de Trajanopolis, acolytado pelo reverendo Collet e pelo prior das Mercês.

O sr. bispo, antes do casamento, fez um discurso sobre os deveres dos conjuges em face da religião e da moral, e depois da missa lhe ainda se fez o telegramma recebido pelo nuncio, concedendo o benção papal.

Este telegramma era assignado pelo cardinal Rampolla.

O altar estava lindamente ornado de flores, crystaes e pratas.

Assistiram ao casamento apenas os parentes mais proximos.

— Casou o sr. Carlos Castanheiro das Neves com a sr.ª D. Ernestina de Mello Jones.

— Está junto ao casamento do sr. Diogo Horta e Costa, funcionario publico em S. Thomé, com a filha mais velha do sr. Albino Pimentel, do *Diário de Notícias*.

— Dois outros casamentos, mais estes entre a colonia brasileira do sr. Fortunato Azevedo com D. Sophia Buzaglio, filha mais velha do negociante Maysr Buzaglio, e do sr. F. Caggi com D. Judith Amralak.

Porto — Houve varias reunioes para a organisação de uma empresa de navegação a vapor com carreiras regulares para os portos do Brasil, que desenvolveria o movimento commercial para a America do Sul. A empresa já está em bom caminho, o capital estava quasi subscripto, havendo iniciado a subscrição o sr. Pedro de Araujo com 50 contos de réis, havia se fallado já na compra dos antigos vapores da Mala Real Portuguesa, quando os iniciadores se desviaram, sob pretexto de que o Governo havia reformado o modelo de Leixões.

O pretexto é futil para desculpa do mallogro de um intento de tão importancia como era uma empresa que estreitasse e melhorasse as vias de communicação entre Portugal e Brasil.

— Entre Pontevedra e Redondela deu-se um choque de comboios. Em um d'elles seguia o sr. José de Azevedo Castello Branco, governador civil de Lisboa, e o filho João, Mello Barreto e Roque da Silveira.

— Apenas o sr. Mello Barreto sofreu uma pequena distensão no pulso direito.

A linha ficou obstruida em uma grande parte, e os nossos compatriotas que tentavam visitar Vigo, desistiram d'essa visita, seguindo directamente para o Porto.

— A assembleia do Centro Pharmaceutico Portuguez vai ser transformada em uma corporação com uma orientação scientifica, denominada: Sociedade de Pharmacia e Quimica.

— Em Ermezinde morreram asphyxiados dois pobres homens, quando desciam a um poço a compôr uma bomba.

— Deuse um desastre nos carros electricos. O sr. José Correia de Barros cahiu de um dos carros, passando-lhe este por cima da perna, que teve de ser cortada pelo terço inferior, ficando gravemente doente.

O sr. Correia de Barros é pae do sr. conselheiro Correia de Barros.

— Foi condemnado em um anno de prisao correccional, pelo crime de fabrico e passagem de moeda falsa, Manuel Pereira Valente.

— A commissão promotora do monumento a Soares dos Reis pediu ao Governo o bronze necessario para a estatua.

— O sr. dr. Pereira da Cunha reassumiu as funcões de governador civil.

— Deu um bom resultado a experiencia que se fez com a fabrica do *Titan*, no molhe ao norte do porto de Leixões.

— De bordo do lugre *Minho*, no alto mar, cahiu, não tornando mais a apparecer, o tripulante Antonio de Barros, natural de Espozende. O lugre *Minho* chegou ao Porto com 54 dias de viagem, e esteve fora da barra, de quarentena, por vir de portos sujeitos de febre amarella.

— Instalou-se a grande commissão organisaadora das exposições das industrias caseiras e industria manufacturiera, que se devem realizar no Palacio de Crystal em 1902.

— O governo francez concedeu a Legião de Honra ao escultor portuense sr. Teixeira Lopes.

— Casou na capella do Paço Episcopal a sr.ª D. Maria do Carmo de Castro Correia Real, filha do sr. conselheiro Augusto Maria de Castro, com o sr. Antonio de Azevedo de Athyde, terceiranista da faculdade de direito.

A benção nupcial foi lançada pelo sr. D. Antonio Barros, bispo do Porto.

— Fallou o commerciante Antonio de Sousa Aragão, estabelecido na rua de Santo Antonio.

— Uma creanga de 14 annos, Rosa de Jesus, filha de José Camisa, depois de ter estado no tribunal a depor como testemunha n'um processo, voltou para casa tão apprehensiva com os melos que no tribunal lhe metteram, que horas depois morria fulminada, a repetir, como lousa, as ameaças que lhe fizera.

— Assume no dia 1.º de setembro o cargo de director do Banco Alliana o novo eleito sr. Carlos Lopes.

— A tradicional romaria da Serra do Pilar esteve, como de costume, concorridissima. O alcaide de Madrid esteve hontem allí, acompanhado dos seus companheiros de viagem.

— Está bastante doente o caricaturista do *Sorvet*, Sebastião Sahuado.

— A inauguração da pedra fundamental para o hospital da irmandade da Lapa realisa-se no dia 18 deste mez.

— Fallou Antonio de Oliveira Seabra, mercceiro, sendo considerada fraudulenta a quebra.

Abrantes — O chefe da estacção de Alfarrareda, Bernardino José, foi colhido por uma locomotiva, que lhe cortou as pernas.

Alfandega da Fé — Evadiu-se da cadeia, por meio de arrombamento, o preso José Antonio Mesquita, o *Grillo*, condemnado a 8 annos de prisao cellullar, sem que até agora apparecesse.

Análisa de Gavião — Arderam a pinhal, varias colmeias, oliveiras e sobreiros de uma propriedade do sr. Antonio Jacome da Costa. O fogo percorreu uns 500 metros quadrados e fez de prejuizo 1 conto de réis.

Aveiro — Uma creanga, filha de Antonio Joaquim Gloria, debrucou-se na janca para ver o mar, caindo, soada, com a trepa, cahiu, fracturando o craneo. Ficou n'um misero estado.

Benavente — Inaugura-se no dia 1.º de setembro a praça de touros, havendo grandes festejos n'esse dia.

Braga — Morreu afogado no rio Gavedo, proximo a fabrica de Ruas, Bento Gomes de 17 annos, de S. Pedro de Merelim, d'esse concelho. No curto espaço de quatro dias falleram afogados n'aquelle local dois rapazes.

— Em outubro realisa-se o consorcio do sr. dr. Antonio Homem de Mello, delegado do procurador regio n'esta cidade e filho do sr. conselheiro Albano de Mello, com a sr.ª D. Maria do Pilar da Cunha Pimentel.

— Está crendo o posto de desinfeccão, para o qual o Governo vai mandar uma estufa Schimmel, dois pulverisadores, algum formol e mais desinfectantes.

Cadaval — A' passagem de um cirio que ia de Vermelho para o Senhor Jesus do Carvalho, explodiram os foguetes que iam no *tejalido* de um carro, atirando pelo ar a coberturas, matando o Antonio José Chas, professor de instrucção primaria, e ferindo gravemente dois de seus filhos, um de 4 e outro de 8 annos, e mais oito pessoas. O caso produziu profunda impressão. Os foguetes eram de dynamite.

Este desastre e outros que se teem dado com fogo de artificial em varias terras, provocaram varias providencias do poder central sobre o fabrico do fogo.

Carregado — Casou civilmente o sr. Antonio Lucas com D. Maria José Reis.

Chamusca — A um kilometro d'esta villa, Annibal Rato estava conversando com Fausta Nalha, em casa d'esta, quando appareceu o irmão, que não estava em boas relações com aquelle, o João Nalha. Sem mais nem menos, deu-lhe uma facada que atravessou o coração do Rato, matando o instantaneamente.

Coimbra — Casou a sr.ª D. Augusta Esperança Mello Coutinho com o negociante Caetano Cruz da Rocha.

— Os últimos calores queimaram quasi toda a vinha d'este districto.

Espinho — Quando se carregava pedra n'um carro, junto de uma trincheira da altura de 12 metros, desmoronou-se parte d'esta, emagando quatro trabalhadores: Domingos d'Oliveira Carredo, Joaquim Pereira, Manuel Domingos d'Oliveira de Anta, e Joaquim de Oliveira Pinto, de Oleiros.

Evoa — Casou o sr. Carlos Pedrosa, chefe da typographia do *Noticias de Evoa*, com a sr.ª D. Mariana Carvalho.

Figueira da Foz — Foi pronunciado, sem fiança, por ter envenenado seu marido Abel Leideira, dos Alhadós, com uma porção de acido arsenico, Maria de Jesus.

Guarda Realisou-se a benção e assentamento da primeira pedra do novo edificio do hospital da Misericordia, com a assistencia do bispo, governador civil, o sr. Telles de Vasconcellos, par do reino, camara municipal, funcionarios de todas as repartições, bombeiros voluntarios e grande concorrencia da povo.

Usaram da palavra o provedor da Misericordia, dr. Prazeres, o dr. Amândio Paul, medico, e o dr. Osorio da Fonseca, professor do lyceu.

Findos os discursos teve lugar a leitura do auto, que, seguindo por todos os concelhos, comparceu uma guarda de honra do regimento de infantaria 12 e a respectiva banda.

Foi uma festa imponente e sympathica.

Guimarães — Casou o sr. Aureleano Fernandes com a sr.ª D. Utelinda Cunha.

Loulé — Casou o sr. Jacintho das Neves com a sr.ª D. Victoria Teixeira Raaz, sendo padrinhos os sr.ªs José da Costa Meallo e José Teixeira.

Luso — Casou o sr. Ernesto Navarro, engenheiro, filho do sr. conselheiro Emygdio Navarro, com a sr.ª D. Thezera Lebre de Sousa e Vasconcellos.

Mafra — Na Basílica de Mafra casou o sr. dr. Augusto Nazareth Barbosa, capitão medico, com a sr.ª D. Antonia Ludovice Ribeiro Vianna, filha do 2.º commandante da escola de infantaria, tenente-coronel Ribeiro Vianna. Foram padrinhos os paes dos noivos.

Monção — As chamas devoraram um cérrico que ficou fronteado a esta villa. Felizmente o terreno estava quasi todo inculto. Havia oito dias tinha apparecido incendiado no mesmo local um pinhal ainda novo.

Moura — Casou o sr. Ignacio José Pires, commerciante, com D. Maria Carlota Machado.

Nazareth — N'esta praia voltou-se um balde tripulante a dois homens. Salvaram-se todos, mas tres ficaram muito feridos. O balde pertence a Antonio Ricardo Germano.

Nisa — Um violento incêndio pegou na officina do fogueteiro Braz Rufino, destruindo-lhe tudo e queimando horrivelmente dois homens.

Odivós — Foi encontrada abandonada a lancha do marítimo Estevo Farias, que parece ter sido assassinado, pois appareceu na praia da Quarteira o cadaver com varias facadas.

Paços de Ferreira — Um grande incendio destruiu toda uma morada de casas, pertencentes a Antonio Fernandes. Ardeu tudo e ficaram carbonizadas duas creanças.

Penacova — Foram condemnados em 2 annos de prisao maior cellullar e na alternativa de trabalhos publicos Antonio Lopes, Fortunato dos Santos e Antonio Lopes Candido, aquelles de Coimbra e este de Valle de Lagar, povoação setentaria d'esta villa, por, em dezembro de 1896, tentarem fazer segur clandestinamente para Brasil, Abilio Carvalho, da freguezia de Carvalho, d'este concelho.

Pontevedra — João Sapo esfaqueou seu cunhado Eusebio Gomes por este acudir á irmã quando o marido lhe estava batendo barbaramente. O ferido morreu.

Pinhel — Assumiu o commando de infantaria 23 o sr. coronel Martins de Carvalho.

Portalegre — A inauguração da illuminação electrica da cidade faz-se a 12 de setembro, com grandes festas, bodo, bailes, tourada, artilaria e musicas.

Namora Correia — Ardeu parte do pinhal *Os Avados*, da Companhia das Lezírias. Attribue-se a malvades.

Sernacelhe — Casaram civilmente Elitio Saraiva e Maria José, da freguezia da Villa da Ponte, por não ter o parochio querido celebrar a cerimonia religiosa, sob pretexto de que o noivo era menor, quando a mãe estava presente a auctorisolar e o padrasto.

Serpa — Casou o abastado lavrador Sebastião Barros com D. Maria das Dóres Garceja.

Trancoso — Na povoação de Rio de Moihnos houve um grande incendio, morrendo uma rapariga de sete annos, filha de Maria da Piedade, proprietaria do predio.

Vianna do Castelo — O vapor *Mexico*, da Companhia Transatlantica, que naufragou ha tempo, quebrou pelo meio, ficando submergido a 400 metros de profundidade.

A carga salva consta de 75 saccos de café; a carga submergida nos portos do vapor é de 2100 saccos com milho, 80 de cacau, 700 contos verdes e 2145 saccos de café.

Foram salvos os utensilios do proprio vapor, a estufa da desinfeccão, o dynamo, ornamentos, roupas, luvas, guarnições da 1.ª e 2.ª camaras, em estado avariado e duas peças de artilheria.

As perdas calculam-se em 200 contos de réis.

Villar Formoso — Casou o sr. João dos Santos Telles, pharmaceutico, com a sr.ª D. Maria Caclida Monteiro.

Fallecimentos

Falleceram a 15 de agosto:

— Lisboa — Lidador Agostinho, cabo Cipriano de Jesus Duarte, Eulogio de Almeida, Maria, Maria Carlota de Freitas Amorim, Thezera Coelho, Joaquim José Monteiro, José Antonio Pinto Galvão, Francisco de Paula Gomes, Manoel de Almeida, Manoel de Almeida, proprietario de Café Tavara; Palmira Rodrigues Coutinho Garredo, Mariana Rosa d'Assumpção, Jacintho Rosa d'Oliveira, Virgilio de Almeida, Manoel de Almeida, Alberto José de Carvalho, Felicidade Emilia da Conceição Santos, Maria Luiza Correia de Oliveira, Leopoldina Maria Pires da Costa, José Antonio de Sousa, Antónia Antónia Pereira, Antónia Nóbrega, Ernesto Barreiro, Maria da Conceição Nobre, Jacintho

Rosa de Oliveira, Horácio Antonio Ferreira da Costa, Emilia Augustina do Nascimento, Maria Augusta de Oliveira, Cassiano Rodrigues Romualdo, Domingos Maria Alves Bispo, Emilia Oliveira Fries, Julia Adelaide da Ciedade Sabino, Poeyraço dos Santos Requena, Maria Theresas de Almeida, Francisco José Lopes Ferreira, Maria da Conceição Alves, Antonio Luiz Meira, Julio Rosa Gomes, Antonio Augusto May Figueira, Brígida Adelaide Santos, Antonio João Xavier da Costa, Maria Adelaide Barbosa, Antônia Afrânio de Sousa Lilliani, Maria Quiteria d' Araújo, Alfredo Xavier Rezende, Manoel da Gó e Cito da Gó, de Varennes, Antonio Simeões de Almeida, Barbara Joaquina Medeira, João Antonio de Bastos, Maria Amelia de Almeida, Romeu Edmundo dos Santos Couto, Vice-Almirante Manoel Joaquim Ferreira Marques, Constantino Gomes da Silva, João Frederico de Silva Villar, Manoel Joaquim Marques, Abel Pereira de Figueiredo, João Carneiro da Silva.

Porto—Joaquina Alves Brabel, Jose Ferreira Marques, Henrique Manoel Viana, Maria da Gloria Ribeiro, José Antonio Pereira de Macedo, Manoel Lourenço de Almeida, Maria de Conceição Ferreira Rocha, Maria Alves Lobo, Francisco Carneiro da Silva.

Albergaria—Velloso—Joaquim Górdio, Antonio Cavieira de Mello, José d' Oliveira e Mello, Antonilha de Julia Possibero Macieira, Joaquim d' S. Santos, Albergaria—João Pereira Duarte, Alvarez—Justina Henriques Mattos, Alter do Chão—Padre José Vaz Bato de Oliveira.

Braga—Manoel Joaquim Gomes, Theresas, de Jesus Gonçalves de Assis, Rita Delphinia Gomes de Araújo Alvarez, João José Ferreira da Costa, Joaquim Antonio Gomes, Eusebio Dias de Oliveira.

Cabanos—José Joaquim da Silva Górcex, Coimbra—Mário Theresas Velluto, Antonio da Conceição Mattos, Maria Emilia Simões, Dr. Elydio de Almeida Araújo Pinto, Silvino de Jesus Lopes Fries.

Castro—Antonio Xavier da Costa, ex clérigo da Lavandeira do Lazareto.

Castelo de Paiva—Fortuna P. rentel, Ericeira—Francisco Gomes, Espinho—Vicente Marques da Silva, Ericeira—Gil Ribeiro.

Famalicum—Leopoldo de Barros e Campos, Góes—Enfema da Camara Oliveira, Iremboá—Neva—Emilia Remedez Esteves Ferraz de Azevedo, Mangalá—Joaquim Lourenço Sobrinho, Maciço—Hippolyte Bilio Cortina.

Ovar—Emilia Perotto, Odivelas—João Marques Pereira Barbosa, Póvoa de Nova—Maria Farinha, Santarém—Lemore de Barreto Machado, Santa Comba Idão—Pedro Manuel de Macrudo Veiga, Thomar—Maria Jose de Carvalho e Oliveira, Vila Nova—Theresas Vasconcelos, Vila Nova da Cruzeira—Antonio Perpetuo d' Araujo Vidigueria—Amarina Lamprea, Vila Poma de Aguiar—Dr. Leonardo de Mirgalhães, Vila—Dr. José Carneiro.

No espírito de Nela estava já petrificado isso a que poderemos chamar — a sua philosophia, por ella propria forjada, um não sei quê de paganismo e de sentimentalismo, misturados e confundidos.

Devemos acrescentar que a Marianella, não poderia viver n' um meio diverso do elemento em que nós vivemos, era dotada de bom senso e sabia avaliar devidamente as cousas, como o revelam os conselhos dados a Gelpin. Falta-lhe tudo: sobejava-lhe a alma. A mais frizante tendência do seu espirito era a que a impelia a amar a belleza physica. Nada mais natural, tratando-se d' um ser creado no isolamento absoluto. Sob o ponto de vista da sociedade e da sciencia, em communicação constante, ou, p' r assim dizer, convivencia familiar com a Natureza, tudo cheia de bellezas majestosas e simples, de luz, de sussurros eloquentes e de formas diversissimas. A sua admiração pelo bello, Nela alliava um culto, e obedecendo a uma lei, igualmente propria do estado primitivo, havia personificado todas as bellezas que adorava em uma só, ideal e com fórma humana. Essa formosura era a Virgem Maria, por ella arrancada aos dominios do Evangelho, que mal conhecia.

A Virgem não seria o seu querido ideal, se ás suas perfeições moraes não alliasse todas as perfeições da belleza, elegancia e correção de ordem phisica, se não tivesse um rosto nobremente letificante e seductor, de expressão simultaneamente humana e divina, o que Nela considerava a synthese da luz, da melancolia e pacificação da noite, da musica mysterio so dos regatos, da graça e da elegancia das flores, da frescura do rocío, das quietudes suaves do vento, da neve das estrellas, e da magestade imponente das nuvens, quando lentamente cruzam a immensidade do azul. A imagem de Deus affigurava-se-lhe terribel e carrancuda, e inspirava-lhe mais respeito que amor. No seu entender todas as coisas boas emanavam da Virgem, e a Ella se devia peír tudo de que se houvesse mister. Deus talhava: Ella sorria, Deus castigava: Ella perdoava. E' vulgar esta creença entre as classes trabalhadoras e gente do campo do nosso paiz. Também não é raro, quando a um grande abandono se allia uma phantasia poderosa, a fúzio que Marianella fazia das bellezas da natureza com aquella figura encantadora, que por si só symbolisava todos os elementos estheticos da religião christã. Se ao isolamento um dia se chegasse, Nela sempre vivia a honra do vespado ideal absoluto, Nela seria uma pugã e adoraria a luz, os bosques, o fogo, a agua e o sol. Tal era a infeliz rapariga crenda em Socrates, e que assim chegou aos quinze annos, edade em que conheceu Paulo. A sua amizade com o cego e as suas conversas com quem possuia conhecimentos variados molliam-lhe a alma, e a Virgem não soffreu alteração. Nela continuou, como antes, pondo a belleza phisica acima de tudo, e, sempre supersticiosa, adorava a Virgem como um compendio de todas as perfeições naturaes, como a unica lei moral, e rematando o seu systema com as mais estranhas ideias sobre a morte e sobre a vida futura.

Fechadas as duas valvas-canastras, ouçam Nela — Santa Mãe de Deus e minha mãe! murmurou ella, porque não me fizeste bonita? Quando minha mãe me teve porque não olhaste para mim lá de cima? Quanto mais me olho mais feia me julgo... Para que estou no mundo? Para que estou no mundo? Para que vivo eu? Faço falta a alguém? Para que faço, para que sou? Não sei, e esta gorgeja de mim... porque não vê. Que será de mim quando me vir e deixar de me querer? Pois é lá possível que elle continue a gostar de mim vendo este corpo pequenino, e esta figurinha de passaro, e esta pelle bigexiga, e esta boca sem graça, e este nariz de picanço, e estes cabellos feios, e esta creatura que toda a gente trata sem empurriças. Quem sou eu? Não sei. Se sou alguma coisa para o cego, mais se chega a ver-me com os seus olhos, morro com certeza... E elle o unico para quem a Nela vale mais que os gatos e cães. Quer-me como os noivos querem ás noivas, como Deus manda que se queira ás pessoas... Senhora Mãe de Deus e minha mãe, já que vais fazer o milagre de lhe dar vista, faz-me a mim bonita, ou mata-me, que a vida para mim já não serve. Eu não sou mais do que um pedacinho de terra para elle... Pois eu tenho pena de que elle recobre a vista? Isto não! Quero que veja. Darei até os meus olhos para que veja com os seus. Quero que o sr. D. Theodoro faça o milagre que dizem vas fazer. Bemditos os

homens que tem tanta sabedoria! O que eu não quero é que elle me veja a mim. Minha bon Nossa Senhora! antes me enterrarei viva, e me atirarei ao rio... Pois não é melhor que a terra esconda a minha fealdade? Eu não devia ter nascido... E voltando-se dentro das canastras proseguiu... O meu coração é todo d'elle. O cegoinho que t' mo me quer é o primeiro do mundo depois de Nossa Senhora. Se eu já fosse grande e bonita! Se eu tivesse a figura, a cara, e o tamanho, sobretudo o tamanho, das outras! Se eu tivesse chagosa lá ser uma senhora... Então a minha mãe não teria a culpa de não se ver com os seus olhos. Se eu fosse como Mariuca, havia de aprender as coisas para... Ah! minha mãe Nossa Senhora! Vais tirar-me a unica coisa que tenho! Para que permitiste que eu lhe quizesse e que elle me quizesse a mim? Que tristeza! E, com os olhos rasos de agua e cruzando as mãos, já me vinha vendo pelo sommo, continuo:

— Como eu te amo, meu querido menino! Não me esqueças nunca. Não esqueças a pobre Nela, que não tem mais ninguém no mundo. Quero beijar a tua cabeça querida... mas não abras os olhos... não me vejas... deixa os ficar fechados...

XIV

De como a Virgem Maria appareceu a Nela

O sommo quebra bruscamente os pensamentos, o que, ao despertar, voltam de novo mais intensos. Foi o que succedeu a Marianella.

Adormecera pensando na Virgem, no cego Paulo, e na sua fealdade, que tanto a inquietava, e com esses pensamentos despertou, quando dois berros da *sr. Anna* a arrancaram das canastras. Mal abriu os olhos Nela rezou a Virgem, como sempre fazia. Mas a sua oração n' essa manhã foi um conjunto de phrases ao acaso, formando um todo curiosissimo. Entre outras coisas, disse o que Nela murmurou: — Hontem appareceste-me em sonhos, minha mãe Nossa Senhora, e prometteste que hoje me consolarias, e tu acordada e ainda me parece que te vejo a mais linda que todas as cousas lindas que ha no mundo. Dizendo isto lançava os olhos em torno, como que attonita. — Mas que tenho eu? murmurou ella — Que tens tu, rapariga? perguntou a *sr. Anna*, notando que Nela cravava os olhos n' um ponto vago a se conservar alienada. Então a ver almas do outro mundo? Nela não respondeu. O seu pensamento estava longe de ali.

— O que eu tenho? Não pôde ser coisa má porque o que eu vejo dentro de mim não é a figura negra e feia do demonio, mas sim uma cousa celestial, uma carinha, e um sorriso, e uma maninha de olhos que, ou eu estou doida, ou Senhora, se eu estou triste. Elle diz que pouco antes de haver um tremor de terra sentem uma coisa esquisita as pessoas e os animaes... Então para haver algum tremor de terra? E, ajoalhando-se apalpo o chio.

— Não sinto nada, mas com certeza vas succeder alguma cousa. E é cousa boa não ha duvida. Nossa Senhora disse-me hontem á noite que a dar-me uma grande alegria... Que é isto que eu sinto? Ella anda aqui ao pé de mim. Não a vejo, mas sinto-a, adivinho-a...

Saiu, passou junto das oficinas de lavagem em direcção ao plano inclinado, olhando como que espavorida para o que a rodeiava! Como n' um sonho viu as mesmas figuras tinzadas dos operarios que se agitavam confusamente, com ruído infernal, por entre o aspero ranger dos cylindros. Ao olhar-se longe de ali, parou, e, apertando a cabeça nas mãos, murmurou vagamente, com os olhos no chão:

— Mas eu estou alegre, ou estou triste? No céu de azul purissimo nem uma nuvem, o que a surprehendeu.

Perez Galdós

ELOGIO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XIII

Na cochua

Nela cerrou as duas valvas da sua canastra. Precitava de estar só. Entremos, porém, na cochua, e espreitemos n'aquele pensamento. Mas antes, retrocedamos e historieiros.

Carecendo absolutamente de instrucção e das suggestões carinhosas, que encaminham o espirito d' um modo seguro para o conhecimento da verdade, Marianella, com a sua imaginação exaltada, engendrara uma ordem de ideias singularissimas, uma theogonia extravagante e uma manieira estranha de apreciar as causas e os effeitos das cousas.

Era rigorosamente exacta a comparação d' aquelle espirito com os povos primitivos. Como estes, predominava em Nela o sentimento e a fascinação do maravilhoso. Acreditava em poderes sobrenaturaes, differentes do Deus unico e grandioso, e via nas cousas personalidades vagas, de vida propria. Todavia não ignorava completamente a sua religião, de que ouvia falar, mais que não comprehendera nunca. Via os que iam assistir a uma cerimonia, a que chamavam missa, e isso dava-lhe a idea de um sacrificio symbolico, e predominava em Nela o sentimento e a fascinação do maravilhoso. Acreditava em poderes sobrenaturaes, differentes do Deus unico e grandioso, e via nas cousas personalidades vagas, de vida propria. Todavia não ignorava completamente a sua religião, de que ouvia falar, mais que não comprehendera nunca. Via os que iam assistir a uma cerimonia, a que chamavam missa, e isso dava-lhe a idea de um sacrificio symbolico, e predominava em Nela o sentimento e a fascinação do maravilhoso.

Habitava-se a respirar, em virtude d' um sentimentalismo contagioso, o Deus crucificado. Sabia que se devia beijar aquillo; sabia tambem alliar algumas rezas aprendidas de ouvido; sabia que se devia pedir a Deus o que se não tivesse. E nada mais. Assim viver, n' este triste ambiente, aquelle intelligencia, até que Nela e Paulo se conheceram. Mas a amizade d' este ser extraordinario, que, desde as trevas profundas da sua cegueira, forcejava com a sua infatigavel ancia de saber, pela resolução dos problemas da vida, chegára tarde.

Estugou então o passo e encaminhou-se para Aldeacórba. Em vez de seguir pela vereda das minas para subir a escada de madeira, tomou pelo valle e atravessou o regato, na intenção de subir aos planaltos, de onde iria direita, por caminho plano, á aldeia — caminho bonito que ella preferia a todos. Cruzavam o veredas ladeadas de flores silvestres e povoadas de myriades de abelhas e de borboletas, e a cada passo se encontravam grandes silvados carregados de amóras, ginjeas entrelaçados por madresilvas, azinheiras corpulentas de copas redondas e enegrecidas, immovets, como que adormecidas sobre a propria sombra.

Nela ia andando de vagar, inquieta, pelo que sentia, e toda absorpta com a angustia deliciosa que a invadia.

Dotada, como já dissemos, d'um extraordinario poder imaginativo, e lembrando-se de que ha gente que tem o diabo no corpo, murmurou:

— Pois eu terei dentro de mim os anjos do céu? Sim. Tu estás comigo, oh, Santissima Virgem. Isto que eu ouço são os risos dos anjos, e tu não estás longe. Vejo-te e não te vejo, como se vés, quando temos os olhos fechados.

E batia as palpebras para verificar esse phenomeno. Passava então pela orla de uma matta espessa toda cheia de silvados, madr.silvas, e plantas silvestres em montões.

De subitito sentiu que as moitas se agitavam. Olhou... Nela deteve-se assombrada. Como que emboldurada na verdura, deparou-se-lhe a Virgem Immaculada... Era a mesma physionomia serena e os mesmos olhos de uma pureza celestial, que vira em sonhos.

Attonita e sem voz, Nela parecia a estatua do espanto. Ficou pregada ao chão, mal podendo respirar, nem afastar os olhos d'aquella apparição maravilhosa, que de subitito surgira por em folhagem.

Dir-se-ia ser a verdadeira filha de Nazareth, uja perfeição moral tantos milhares de vezes n'tarar descrever todos os artistas de dezoito eculos, desde S. Lucas até hoje — entidade subão diversas formas encarada, ora por Alberto Durer, ora pelo grande Raphael Sauzis, ora por Van-Dick, ora por Bartholomeu Murillo.

A que se erguia na frente de Nela parecia arrancada a uma tela de Raphael, o artista mais distincto, se attendermos a que a correção da belleza humana mais se approximava da expressão da divindade. O rosto oval era mais perfaito do que o do tipo sevillano, apresentando o gracioso contorno do italiano. Os olhos, estranhamente bellos, tinham uma expressão de serenidade e de fogo, encimados por sobranceiras finamente e artisticamente traçadas. Os labios grossos abriam-se em sorrisos, deixando entrever os mais preciosos dentes de jaspe que hajam mordiscado o fructo prohibido...

Eis-nos inesperadamente a contos com a mãe Eva, o personagem biblico de que nos separam tantos seculos, e que a serpente tentou. E' que as considerações sobre as varias formas da belleza humana transviava-nos irresistivelmente.

Para concluirmos o retrato imperfeito d'aquella visião, que tanto a sombra causou á pobre Nela, diremos que a tez era de um moreno afoguesado, especie de rubór que aureola essas imagens divinas, perante as quenes se extasiam devotos e impios.

Passada a primeira impressão d'assombro, os olhos de Nela notaram que a Virgem trazia no pescoço uma facha azul, adorno que nunca vira nas Virgens, sonhadas ou pintadas. Mas: a divina mulher vestia como as outras mulheres! Mas o que mais a surpreendeu foi vér que a gentilissima imagem colhia e... comia amoras da silva.

Surpresa e formando já juizos pouco lisongeiros para tão extraordinario phenomeno, Nela ouviu n'esse momento uma voz varonil, que dizia:

— Florentina! Florentina!

— Estou aqui, papá, respondeu a Visião. E que deliciosas são estas amoras!

— Doida! bradou a mesma voz. Que demónio de gosto achas tu a essas porcariaas?! Não te tenho dito tantas vezes que isso é proprio só de creanças e não de uma menina de boa sociedade... de boa sociedade, ouviste?

Appareceu então o que pronuncíra estas palavras. Era um homem de meia idade, baixo, atarracado, de cara cheia, que lançava lampejos

de alegria como o sol lança raios de luz. Tinha as pernas curtas, nariz comprido, e vinha enfeitado com varios objectos decorativos, entre os quenes se destacava uma enorme cadeia de relógio, e um finissimo chapéu de feltro de abas largas.

— Ora vamos, mulher! disse com brandura o sr. D. Manuel Penáguilas, pois não era outro o que assim falava. As pessoas decentes não comem amoras de villa. Bonito! Ora vé como tens o vestido! O vestido é o menos. Quem te comprou esse póde comprar outro. Digo-o, porque as pessoas que te virem n'esse estado imaginário que não tens mais roupa.

Marianela, que principiava a comprehender, lançou os olhos para o vestido da menina de Penáguilas.

Era rico e fino esse traje, mas adivinhava-se, á primeira vista, que sob elle se albergava a aldeia bruscamente transformada em senhora. Tudo n'ella, desde os sapatos ao penteado, indicava o escuro do fato domingueiro. Mas eram tantos os seus encantos, que tudo isso passava despercebido. Entretanto, aquelle corpo gentilissimo estava pedindo uma saia de estamena, cabellos soltos enfeitados de flores silvestres, um corpete simples, um cinto de coraes e uma aurpeia absoluta dos recursos da arte moderna.

— Olá! por aqui! exclamou D. Manuel Penáguilas, vendo Nela. Olha, Florentina! Aqui tens a tol Nela de quem te falei já. E' ella quem costuma acompanhar teu primo...

E, voltando-se para Marianela, perguntou:

— Então, como te dáis por cá?

— Muito bem, sr. D. Manuel. E vocemecê?

respondeu ella sem tirar os olhos de Florentina.

— Eu? como sempre. E' isto que vés: rijo e

são... Esta é a minha filha. Que tal a achas?

Florentina afastára-se já, correndo atraz de

uma borboleta.

— Então? então! Para onde vives tu, filha? Não

tens juizo?! Achas bonito andar assim a correr

atrax d'um insecto como qualquer garoto? Mais

compostura, ouviste? Mais compostura! As me-

ninhas de boa sociedade não fazem isso... não

fazem isso...

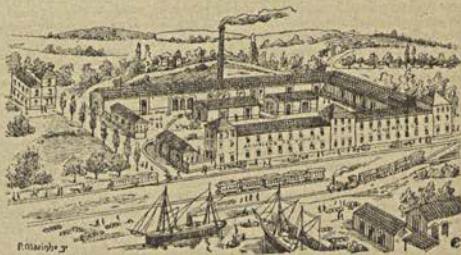
(Continúa).

VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES
& Comp.^a

PORTO



MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA

Dr. Manoel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: Rua da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ—SUCCURSAL EM MANAOS

Autorisada a funcionar pelos Decretos n.ºs 2.245
de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304
de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excelente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente as prestações já pagas pelo sezurado.

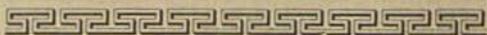
Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, nas suas numerosas combinações da seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

Essa A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabellas e relatorios que são encontrados em Manaos nas mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. 12 General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

BA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

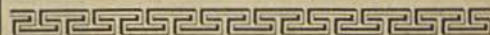
Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitales de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



CESAR A. PAIVA

CIRURGIAO DENTISTA

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS
CONSULTORIO
B. ed Arsenal, 100, 1.
LISBOA

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

Rua de St.º Antonio
R. 54 do Bandeira, 89

Estabelecimentos dentro do mesmo prédio.
Casa montada sob a organização dos estabelecimentos co-generes do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis



AGUA
DOS
CUCOS
DEPOSITO
R. DOS FANQUEIROS
282
LISBOA

As mais utilidades de Portugal
USO INTERNO—Estomago, gota, rheumatismo articular, diabetes.
USO EXTERNO—Rheumatismo, gota, sciatica, lombago, etc.

HOTEIS E CASINO
Instalações as mais confortaveis e completas de Portugal. Este estabelecimento abre em 15 de maio e fecha em 15 de outubro.

Correspondencia: Gerente—CUCOS
TODRES VEDYS

JOÃO BASTOS & C.ª
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.º



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

—+ Sempre as ultimas novidades +—

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Geréz, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellentes parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, casacatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma disposição como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286



ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Acho-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brazil (moeda brasileira) broch. 38\$000 etc, enc. 40\$000 réis. Assigatura permanente. — Publicação de uma edição mensal ao preço de 3\$000 réis franco de porte.

EDITORES: **LEMOS & C.ª** successores
Largo de S. Domingos, 63. — PORTO
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.ª — Rua da Huitanda, 88
Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim
CAPITAL DO ESTADO DE CAYAZ

DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lente da Escola Medico-Cirurgica da Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueijo, cou. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Edmundo Securini, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filizetti, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambeas, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampayo (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queriol, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

LA UNION Y EL PENIX ESP. BOL

Capital social 3.000.000\$000 rs
13.609.000\$000 RÉIS

De abstritoz paga desde 1884 até 1903

PREMIOS E RESERVAS 5.000.000\$000

Seguros contra incendio, exploração de gas

Equator Atlantico & Union Maritimo

Compañias francesas contra os riscos maritimos e de transporte de qualquer coisa

Directores — Luis Meyer & Filhos

LISBOA — Rua do Príncipe, 89, 87

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

V. Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todas as confortos de uma casa de primeira classe.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo-Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 e 50 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commisso de 1/4 %, de 1 a 9 annos. Depósitos: accretam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 %, ao prazo de 1 mez; 3 1/2 % a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem nas suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer dos operações da Companhia.